

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CURIOSIDADES DE GUIMARÃES. XXI CURANDEIROS E SENTENÇAS. ROMANCEIRO. MODILHOS POPULARES.

BRAGA, Alberto Vieira

Ano: 1968 | Número: 78

Como citar este documento:

BRAGA, Alberto Vieira, Curiosidades de Guimarães. XXI Curandeiros e sentenças. Romanceiro. Modilhos populares. *Revista de Guimarães*, 78 (3-4) Jul.-Dez. 1968, p. 199-272.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Curiosidades de Guimarães (*)

XXI

Curandeiros e Sentenças. Romanceiro. Modilhos populares.

Por ALBERTO VIEIRA BRAGA.

I — Curandeiros

*De médico e louco, todos temos um pouco.
Livra-te dos ares, que eu te livrarei dos males.
O vinagre e o limão, são meio cirurgião.*

Curandeiros encartados

O povo das aldeias viveu sempre sem higiene física, social e moral. Debruçado e rastejante sobre a terra, queda inteiramente num absoluto silêncio de expansibilidade, defrontando-se na má sorte, no desalento, na desgraça e no sofrimento, consigo próprio, amortecido e amorrinhado de vontade e de instinto. Entre as curvas da senilidade e os climas rudes da sua vida castigada de trabalhos, de quebreiras e de privações, é muito raro correr o humildoso, voluntário e permanente socorro de vigilância e de salvação, aparecendo, quando muito,

(*) O saudoso etnógrafo vimaranense Alberto Braga, falecido em 5 de Março de 1965, que foi durante muitos anos director da «Revista de Guimarães», deixou inédito o Estudo n.º XXI da magnífica série que nesta mesma Revista publicou, desde 1927 a 1962, sob o título geral de CURIOSIDADES DE GUIMARÃES. Damos hoje, nas páginas da Revista que Alberto Braga tanto amou e bem serviu, o precioso original, seu último trabalho, que, por generosa e inteligente dádiva, obtivemos da Família desse admirável cultor da história e da vida material e espiritual, dos costumes e tradições do povo desta região, com o qual o folclorista insigne tão sentidamente soube irmanar-se, pela compreensão da alma ingénua e rude, humilde e supersticiosa do camponês minhoto. (Nota da Redacção).

a comunhão dos lamentos, os avisos dos prudentes e experimentados, a sabedoria dos videntes e dos mezinheiros, as enxúndias sem sal e os fios de azeite virgem para ensopar quaisquer fiapos de ligaduras.

O que vemos erguer logo, em alturas e de súpeto, como estuante modelo de compaixão, perante qualquer desgraça ou infortúnio, são aqueles espasmos e pranteios das almas em painel de purgatório, e um voejar sussurrante de súplicas e de promessas a todos os santos mais querendeiros e protectores, mística e secular panaceia religiosa a que a sua condição humilde mais facilmente pode deitar mão. A caridade e as virtudes alheias, quando não têm o filtro do mesmo sangue familiar, são tão frágeis e pobres, como a pobreza dos amores estéreis, e tão frias como a frieza dos próprios amores que já morreram.

Contenta-se, outrossim, mas não basta, em ser respeitoso, cumpridor e temente, dando voltas e calcorreios de promessa e de penitência para afastar os males e para se enxugar dos pecados, indo à missa todos os domingos e dias santos e confessando-se uma vez cada ano. Vai a todos os ladários para obter favorezas para as suas colheitas, cuida dos filhos e dos gados numa promiscuidade bafienta, em ninhos de pouco abrigo e conforto e com poucos afagos amorosos e preservantes, assim a modos duma primária cristalização de bicho selvagem e de cortiço.

Tirante os concertos e a porfiosa paixão do trabalho, surge-nos tão áspero e tão rasteirinho de apegado à terra, como um traço saliente e sanguíneo de escalracho bravio.

Anda sempre entanguido de maleitas e de moléstias que surgem dos sedimentos, dos estrumes e das águas de chafurdo.

Trata mais da alma do que do corpo, tendo o único contacto social de homem para homem, nos ajuntórios do trabalho, da taberna e dos adros das igrejas.

Quando se vê aflito não sabe o que há-de fazer. É manso e singelo no sentido da conformidade e da rudeza, mas senhor de muitos bens espirituais, descaprichosos e de vontade servidora, sem invejar o mando e o prazer atractivo dos que ofendem e espezinham por prazer instintivo.

Quando cai em modorras acabrunhantes, todos os ânimos de excesso e valentia de homem de trabalho entram numa frouxidão e molenguice pasmada, e fica assim azoinado, como traído e escoado de sangue, e a custo volta à luta, por fechar broncamente os ouvidos às melhores conformações dos amigos e dos compadres. Quanto mais sofre, menos se cura e mais se lamenta.

Só o guião dos serviços e dos deveres lhe robustecia a coragem e espalhava as inquietações e opressões que porventura se sobrepusessem à marcha quotidiana dos seus trabalhos de lavoira. E então, as luas das estações e dos comandos voltavam a empurrar-lhe a existência.

Por um absoluto desprezo pela sua pessoa, atirado à vida de roldão, como o sacolejar das fornadas para os apertos e trituração da moenga, não se rodeia de cautelas para suavisar os seus males, nem usa de caldos brancos ou de galinha, nem se alivia dos catarrais, das pontadas e das febres com mostardas, sinapismos ou purgações.

Os vinhos aquecidos nas brasas ou no rescaldo da borralheira e adoçados com *açucré* amarelo, os escaldapés, as cataplasmas de farinha de pau, os unguentos de sabão amarelo e de mel, os chás de cidreira, de laranjeira e de tília, etc., são as tisanas, os bálsamos e emolientes mais úteis e prontos do seu mancio caseiro, e os recursos de penúria da sua pobre cantoneira, os mais baratos e acessíveis, que se aplicam sem medo de agravamentos e de riscos perigosos.

Só aceita, confiante e intimamente agradecido, os amparos e os serviços da vizinhança, se os males são de certa gravidade e as tréguas do sofrimento são de anseio e morosas.

E então estabelece-se prontamente, como numa confraria de caridade e de mordomia, uma ajuda voluntária de trabalhos, com revezamentos nas atenções custosas duma vigilância permanente, se necessárias, para um descanso alternado de quem se presta à missão de socorrer, por caridade, o seu irmão infortunado.

Quer dizer, só em casos muito graves é que se formam aquelas bichas de um compadrio prestável, levando o conforto de palavras ou o achego de algum mimo alentador, aos desconsolados que se rescaldam com os febrões

das moléstias. De resto, cada um se avia e se governa como é servido e como pode.

Mas só, verdadeiramente só, o pobre nunca se encontra. A pobreza é solidária, esmoler e caridosa.

Além de que velar não é só os agonizantes e as parturientes nos arrancos dos puxos; é dar fé, a todas as horas do dia e da noite e ao correr acelerado das desventuras e dos males, e ver onde eles pairam e demoram, e cada um apressar-se em socorrer e aliviar aqueles que mais renitentes se tornam em ir de consulta até ao banco do hospital, ou de se internarem adentro das paredes do mesmo hospital.

Salvar as almas e salvar os corpos é a verdadeira obra de misericórdia, tanto mais admirável quanto mais representar em espírito de humanidade e de sacrifício o domínio sacrossanto da jornada e do esforço pelos caminhos do calvário aldeão, onde tudo pesa em dobro, porque as distâncias mais se alongam, até se chegar ao ponto salvador duma barreira abrigada e hospitalar.

O hospital, a cadeia e as correias da tropa, representações tradicionais dos Estados e das Sociedades, são as maiores inconformidades com que se debate neste vale de lágrimas. Fazem-lhe uma secura e um quebramento a pronunciação destas fatídicas palavras que andam no curso da vida e naoura dos destinos.

É claro que para um melhor bem da humanidade sofredora, devia existir dentro do espírito, do coração e da vida de cada homem, pela moral e pela educação, a grande defesa duma solidariedade amorosa de justiça social, para que no cirandeio do trabalho e no achego da família rural nunca faltassem aqueles benefícios e ajudas de um máximo de protecção quando necessárias e urgentes as intervenções médicas, e de um mínimo de possível conforto ou ajustado abrigo, para os que a velhice vai atirando, sem pena nem agravo, para o rol duma inutilidade, e sem terem reservas de caridade nem de familiares.

Mas assim, tão perfeitas e equilibradas sociedades comuns, ligando os semelhantes pelos sentimentos e pela caridade, só se toparam nos vínculos espirituais das agremiações religiosas.

Para o povo, de resto, e na sua agasalhante cobertura de religiosidade, de crença, o horizonte é sempre mais vasto, sendo vulgarmente quase sempre o mesmo.

Santuários, penhas sagradas, peregrinações, rondas e romarias representam uma depuração para o seu espírito, um tónico para o seu arcaboço, quando todo esse ementário percorre e acompanha com a sua fé, com o seu cajado e com o seu farnel. Na purificação sentimental destas peregrinações devotas, de íntima assistência, lá se julga absolvido de todos os pecados, confiando mesmo que, deste modo, em sacrifício penoso da jornada, espantaria todos os malefícios que por desamor estivessem eivando possessamente o carnez ou as entranhas de quem processionalmente se amortalha ou se roja de joelhos em voltas de penitência.

E pelas esmolas que deixou, pelos passos que deu, vem para casa como quem vem duma cura do mar ou dos pés do confessor, a arca do peito num desafogo e na esperança de que a vida e o trabalho lhe corram mais a preceito e a gosto, e a saúde nunca desampare os seus, pelo dever cumprido das suas rezas, das suas visitas, das suas oferendas, das suas abluções.

Como se vê, é tudo muito simples e fácil para alcançar a saúde, a alegria e o céu.

A aldeia está permanentemente num combate de mediação entre o perigo e o desastre, entre o que acontece inesperadamente e o que pode surgir repentino, por fatalidade, descuido ou ignorância. Por entre os verdes lineares ou pelas pregas alombadas dos campos ou das moutas, por entre o enrimado dos matos e das moreias dos estrumes, por entre o afolhado dos restolhos e das ervas do misturadoiro, entre o que se vê e o que se não vê, o que se distingue e se encobre e procura, de dia, à luz do sol, ou de noite, ao bico da candeia, estão as amolgaduras, as topadas, os tropecilhos funestos, numa disfarçada penumbra, espreitando a morte ou a pérfida cilada de um molestamento para toda a vida.

Há sempre, pelos refolhos dos caminhos, pelas refregas da lavoir, pelos cadabulhos do que se não acabou, pelo abandono das beiras, por cima dos muros, pelos buracos das paredes, pelo lastro das casas, dos baracos e dos eidos, a ponta serrilhenta duma foicinha esquecida, os dentes embosteirados dos gadanhos de ferro e dos engaços de madeira, a lâmina das enxadas, o gume dos machados, o bico dos alviões, o sedeiro das grades

de cobrir, as correias da poda, com as tesoiras e podões, etc., etc.

Depois, há os degraus das escadas vindimeiras que se partem, os carros de bois que se voltam, os bois que se espantam, os cornos que arremetem, os chapões das rodas que esmagam, dilaceram e matam como uma guilhotina.

Que o anjo do amparo e da virtude amaine, espante e dulcifique o perigo e a desgraça dos agrestes andurriais...

Para o povo das aldeias, nas aflições mais ingentes e nas tranqueiras mais agudas, surgem, quase de súpeto, aqueles alívios de alma que muito o retempera quando exclama convicto e sofrido:

Santo António bendito! Anjo bento! S. Jerónimo! S. Torcade milagroso! Senhor do Campo da Feira! É pronto. Os arroubos iluminativos da sua fé são a consistência máxima da sua alma. De resto, a sabedoria popular, em cautelas, bons e maus agouros, em conselhos rotineiros e previsões, supre tudo, porque esborda de sentenças, de regras e de práticas.

É, no acompanhar de toda esta sabedoria costumeira e useira, não despreza as luzes duma certa credence de sideração e os prognósticos dos tempos e das aves, que adivinham as moléstias e a morte, como qualquer vidente miraculado.

A cartilha desfia um formulário instintivo e prático de ensinamentos e de receitas, dentro da higiene dos costumes e da moral e com preceitos abundosos para os males do corpo e da alma. Segue o povo a doutrina preventiva ou curativa destes conselhos conforme o interno ou externo exercício da sua aplicação, e avia ele próprio as receitas, ficando só nas rezas, orações e talha-mentos, se o mal é de leveiro encantamento, ligeiro fio torto ou malzinhos de crianças, bichas ou fogo lobo; ou então, se o mal é de mais sérios cuidados, vai até os cozinamentos, as unturas, os defumadoiros, etc. ⁽¹⁾

(1) Em 27 de Abril de 1833, como medida preventiva, são distribuídos pelos habitantes de Guimarães bastantes ramos de loureiro, alecrim e pinhas, para à noite serem queimados nas ruas da vila, como desinfectantes contra a maligna que então aqui grassava. Estes arbustos foram mandados distribuir pelos Juizes Almotacés, e conduzidos pelos lavradores das freguesias das aldeias, que para isso foram embargados. (Pereira Lopes.)

Por vezes acamaradam as ajudas indispensáveis dos lareiros e pegadiços santanários, beguinos e bruxas, numa correlação de serviços e de práticas curativas ou aliviantes. Para o descruzar dos maus olhados e males ruins, preparam-se as mais variadas mistelas de benzi-lhices; para as verdadeiras e mais sérias enfermidades, dores de barriga, gorgulho epigástrico que muito o consumia, encarangamentos, febres gástricas, securas hécticas, espinhelas caídas, que vão até à contagem dos ossos, então os remédios atropelam-se numa confusão e infusão de tisanas e eméticas e sedativos, ao sabor de quem os prepara e ministra, sem nenhum respeito humano e nenhuma penalidade criminal. E entram então em aparato e avonde, todas as mixórdias, beberagens, suadoiros e emplastros sedimentosos, que derrancam as entranhas e atiram os plexos para as iras nervosas, histéricas, gritantes, e para as crises demoninhadas de arrepelados frenesis e de letal estertor.

Brásia Dias — Nam he senão frialdade;
ponde-lhe hũa telha quente.

.....
Tomay ora hum suadouro
de bosta de porco velho,
e com unto de coelho
esfregay o pousadeyro,
e crede-me de conselho.

E se de quebranto for,
tomade o encenso belo,
e o çumo do marmelo
e as favas de Guiné,
e untay o cotovelo.
Si: e se for priorisa,
tomade da guiabelha,
pisada co fel d'ovelha. (1)

Mas os sofrimentos e os males não se varrem assim de bufo, a modos como o vento fresco ou o sol molengo fazem desaparecer, volantes, as cortinas do nevoeiro ou as delidas molinheiras que atabafam a natureza.

(1) Gil Vicente — «Farça dos Físicos». (*Obras completas*, Ed. de Barcelos, 1956, p. 419).

E por que razão tudo isto é assim, ou pior até do que acabamos de narrar?

Porque a assistência médica foi sempre fraca e limitada entre os aglomerados mais sertanejos.

Não será hoje deficiente, insuficiente e rara, mas não vai ao encontro imediato de todas as necessidades, cada vez mais avultadas, gravitando por todos os esconços, mais dolorosas, e cada vez mais obscuras e negras de miséria e de desgraça.

Se o desconforto e a doença aumentam, a pobreza menos se condói e mais se avoluma. O auxílio e a caridade não entram verdadeiramente na escala proporcional dos desalentos alheios, onde o sofrimento batalha cruelmente com a dureza do ganha-pão.

Onde estão as necessidades?

Onde estiveram sempre. Nos locais afastados dos centros da caridade hospitalar, além, por aqueles cerros ásperos e meandrosos, onde há muita água e a sede é maior e a higiene é nenhuma; onde há muito sol e o desabrigo é mais evidente pelo livre itinerário dos ventos, das trovoadas e das enxurradas que lanham a terra em fúrias desabridas.

A assistência médica e a beneficência aos desherdados estiveram e estão simplesmente integradas nos adjuntos urbanos.

Auxílio e socorro, numa solidariedade ilimitada, pelo dever cívico, cristão e humano, deviam estar prontamente, no momento preciso e oportuno, em toda a parte.

Nos perímetros de condições precárias, a quem recorre o povo?

A quem recorreu sempre, por falta de proveitos melhores e de utilidades mais prontas e seguras. Daí, pela ignorância e incertezas de bons conselhos, pelo abandono moral, pelo isolamento completo de meios e de recursos, abeira-se, confiante, dos curandeiros e dos habildosos.

Mal-pecado são estes os protectores mais directos do povo, mais prontos e acessíveis, os que estão paredes meias com o seu viver e a sua vida, e por isso exercem sobre ele uma grande influência, que vai acima de todos os respeitos devidos à consciência e à probidade. E assim, num crescente pavoroso de audácia e sugestão, agoirenta-

mente, dominam os espíritos fracos, doentes e propensos a todos os medos, dúvidas e receios.

Séculos atrás, tinham eles a sua condição de vida firmada e autorizada. Reconheciam-lhe talvez uma certa utilidade e sempre eram uns *doutores* encartados que viviam mais intimamente dentro das necessidades dos aglomerados rurais, lá no meio dos quintos, onde a maioria das fontes são de mergulho, as águas de bica correm em regos descobertos ou perfuram por debaixo de terras de lavradio ou de alqueive e onde os estábulos são a quentura permanente dos sobrados e as enxergas repousam ao lado dos porcos ou ao encosto do chafurdo mosquiteiro dos eidos.

Poucos e minguados de recursos, nos tempos passados, eram os estabelecimentos hospitalares. Nem tudo neles se curava e nem todos os sofrimentos ali se abrigavam.

A influência cristã, pela sua virtude da beleza, a graça de bondade, foi quem mais desenvolveu, ao abrigo do santo lema — amor de Deus e do próximo —, a assistência, a caridade, o socorro e o abrigo, nas mais diversas modalidades de auxílio, de conforto e de protecção, quer corporais quer espirituais.

Mudaram as situações de vida, recresceram as dificuldades, aumentaram os recursos científicos, melhoraram os aspectos financeiros, sociais, colectivos, doutrinários, e justo era, portanto, que o sentimento de humanidade completasse agora, objectivamente, associativamente, a sacrossanta obra de misericórdia, espalhando pelos aglomerados rurais os partidos médicos, — indispensável saúde do corpo, doutrina paterna de igualdade pelo respeito e dor do semelhante, como se espalham os postos de ensino, abençoada saúde do espírito, doutrina pátria, que fortalece os corações e as vontades.

O Estado e as Sociedades locais devem concorrer para esta obrigação comum e necessária, porque demais ela constitui, fundamentalmente, uma obrigação social, moral, cristã e humana.

E só assim se combateria, educando e curando com a própria beleza do coração, do exemplo e duma imediata e experimentada assistência médica, difundida e largamente semeada, pronta, prestável e amorável, toda essa corrente crónica dos inveterados e videntes corpos abertos

do século xx, mais funesta da saúde e das almas do que a enxameada colmeia dos curandeiros encartados dos séculos passantes.

Viveram dentro da sua época, os tais curandeiros encartados, e se abusos cometiam e erros acumulavam, nem por isso os seus serviços de inutilidade se podiam classificar, sobretudo os préstimos dos algebristas, sarjadores e parteiras, além de que às apalpadelas e por tentativas a maior dose médica vivia dos preceitos comezinhos e mezinheiros.

Por vezes muito providentes, estes afamados e azevieiros mestres barbeiros seguiam a cartilha prática de ensinança do Doutor Fr. Manuel de Azevedo, que em 1678, na primeira parte da sua *Correçam de abusos contra o verdadeiro methodo da medicina*, apregoava que «os dous mais importantes remédios da medicina, para bem se curarem todas as enfermidades, são a purga e a sangria».

Eles mesmos, os encartados, chamavam aos seus recursos e à sua habilidade, as ervas bentas, as plantas, a experiência dos velhos e o cartulário duma medicina cristã, inofensiva, toda exercida sob um poder sugestivo, a dos objectos hieráticos, de pronta assistência, de conforto e de moral, quando menos e quanto muito, grátis, acessível, porque era a espiritual medicina da igreja em relíquias, em mantos, em coroas, em chaves dos sacrários, em hissoPADAS, em incensos, em exorcismos, etc. etc. (1).

(1) Havia o costume em Guimarães de, logo que alguma pessoa caía doente de gravidade, serem requisitadas as relíquias de S. Gualter para casa do enfermo.

O relicário é composto dum corpo de cristal engastado em folhas de acanto, terminando por uma argola, donde pende um cordão de seda verde, tornando-o próprio de trazer ao pescoço. É evidente que ao dar-se-lhe tal disposição houve o intuito de facilitar o seu uso, que por esse facto podemos supor frequente. (*Revista de Guimarães*, vol. XXXVIII, págs. 14 e 15).

Uma visitaçào feita à Igreja da Colegiada em 9 de Dezembro de 1642, determinava: «O sacristão não consentirá se dê a cabeça santa aos que a ela vem, senão com velas acesas e por clérigo de ordens sacras, com sobrepeliz, e por isso não pedirá cousa alguma.

«Ordenamos que sendo necessário sahir o nosso Santo p.^a casa de algum enfermo, que por sua devoçào o queira mandar buscar p.^a lhe dar saúde, como até gora se fazia, o pedirão ao Thezourreiro q. se lhe não negará, e p.^a a casa de onde for pedido



Cambulhada de nove amuletos.

A principiari da esquerda:

Um cigalho de rezina, tendo nos extremos dois topos de metal, em folhas de trevo.

Um cornicho de marfim, com remate de metal.

Chave de sacrário.

Amuleto de metal branco que representa a lua no quarto crescente, todo ornamentado com trevos de 4 folhas, saindo da concavidade uma figa esquerda.

Um bocado de madeiro santo.

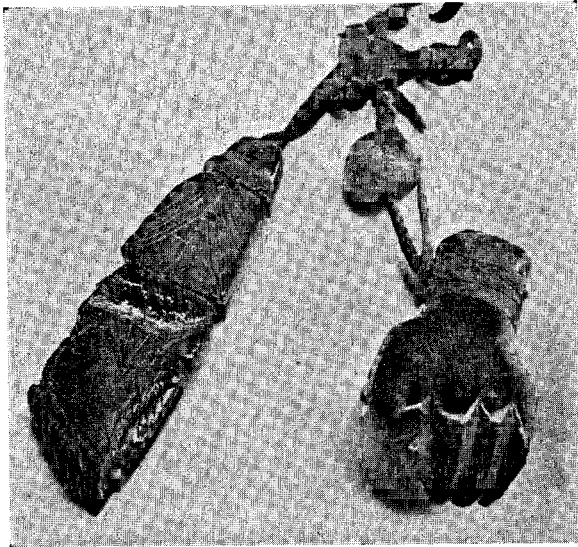
Amuleto de metal branco, representando a lua no quarto minguante, tendo na concavidade uma figa e ao cimo as letras I. H. S. (Jesus Hostia Sagrada).

Relicário, de metal branco.

Signo-Saimão, de metal branco.

Conta azul, de vidro, que para o povo representa, simbòlicamente, o mundo.

(Do Museu da Soc. M. Sarmento). ½ do tam. nat.



Figs

Figa de azeviche, estilizada, com ante-braço tendo na palma da mão, esculpido, um coração chamejante, e no ante-braço uma cruz; no reverso, estão esculpidos na mão os raios solares, e no ante-braço uma cruz.

Figa de azeviche, já estalada pela acção do mau-olhado, e por isso mesmo de mais virtude, segundo a crença popular.

Estas duas figas encontram-se amarradas por um cordel, tendo ao meio uma conta de osso.

(Da colecção do autor)

Certas moléstias, naqueles tempos, e sobretudo as que picassem contágio, eram mesmo escoraçadas dos hospitais e Misericórdias. Os atacados de raiva, de morbo, os endemoninhados, os pestíferos, os tinosos, os leprosos, as paridas e os estragados. (1).

Foi tudo isto, em parte, e ainda uma difícil e limitada assistência que não transitava nem percorria os associados rurais, pelas dificuldades de comunicação e careza de serviços, que levedou e fomentou a criação fruste dos habilidosos e curandeiros, com pronto socorro ao domicílio, e esse infundável e inexgotável de talhamentos e defumadoiros e de botica mixordeira e bruxenta.

Os remédios não bastavam, não curavam, não tinham o seu poder de rápida actuação? Vinham logo em auxílio e reforço as pedras do fastio, os dentes santos, as cabeças santas, os bentinhos, os panos benzidos, ou se peregrinava com os doentes até às fontes santas, às pedras dos santinhos, aos penedos das covinhas, das senhoras, etc., etc.

Este receituário mirífico, colorido, que rescende a rosmaninho e tem a doçura do mel e a candura dos anjos, levar-nos-ia em penitência ajoelhada até muito longe, mas a razão, se muito caminhássemos, talvez viesse a cansar a espiritualidade de tão perfumada viagem de romaria.

Descansemos, pois, o coração, de todas as amarguras e evocações, até que um dia, os que vivem pelos campos e pelos montes, em certos passos desalentadores da vida, vejam e ouçam mais do que a agonia do sol e o toque das Trindades, e entretanto saudemos os nossos

será levado com 3 Irmãos com opas e 2 lumes assezos, e p.^a se recolher p.^a a Igreja da m.^{ma} sorte, e a esmola q. lhe der o enfermo a mesa disporá della p.^a a sua veneração». (*Cap. XXIII dos Estatutos da Irmandade de S. Roque, da Freguesia de S. Pedro de Azurei*).

(1) Sobre o regulamento hospitalar e cura de algumas destas moléstias — tinha, venéreo, ossos partidos e paridas, ver o livro *Vimaranes*, de Luís de Pina, págs. 276 e segs.

Em 1803 fez a Misericórdia um peditório pelas Corporações, Irmandades e moradores da vila, para a cura do gálico e compra de roupas para o hospital, que rendeu 814\$680 réis.

Em 11-6-1804, o Cabido de N. S. da Oliveira, deferiu com 72.000 réis um requerimento da Misericórdia, em que lhe pedia uma esmola, atendendo aos muitos requerimentos que lhe faziam os «pobres da queixa gálica» e querer fazer-lhes uma cura geral.

antigos *mestres d'aldeia*, como lhes chamavam e eram conhecidos. E quantos valeram ao duro abandono dos que friamente se debatiam no sedeiro torturante do sofrimento!

Em 1-6-1613 foi passada Provisão pelo Cirurgião-mor e Físico de Sua Majestade, concedendo licença a Bastião Gonçalves, morador nas Aldeias, termo de Guimarães, *para consertar braços e pernas desmanchados, ou outra qualquer parte quebrada*, por ter mostrado, por instrumento de testemunhas, que exerce há muitos anos o ofício de algebrista. Prestou juramento a 24 de Julho.

Em 1644 existia o algebrista António Gomes, de Teive, Garfe.

Em 1650 foi passada carta em Lisboa a Mateus Vieira, de Garfe, para poder sangrar, sarrafassar, lançar ventosas e sanguessugas e tirar dentes em Portugal.

Em 8-6-1660, *idem, idem*, a Torcato da Silva, filho de Paulo Pinto, desta vila.

Em 1666, *idem, idem*, a Luís Leite, de Calvos, Guimarães.

Em 7-2-1667, foi passada em Lisboa carta de examinação a António de Araújo, natural de Guimarães, para poder sangrar, sarrafassar, lançar ventosas e sanguessugas e tirar dentes em Portugal.

Em 9-2-1667, *idem, idem*, a Bento de Matos, de S. Torcato.

Em 9-8-1667, *idem, idem*, a Baltazar Rodrigues, de Moreira de Cónegos e a Domingos de Crasto, desta vila.

Em 19-3-1671, *idem, idem*, a António Peixoto, natural de Guimarães.

Em 20-4-1672, *idem, idem*, a Gonçalo da Costa, de S. Faustino.

Em 1677, *idem, idem*, a Pero António, de Airão.

Em 15-1-1682, *idem, idem*, a Heeronimo Pereira de Lemos, natural de S. Miguel das Caldas.

Em 16-5-1684, *idem, idem*, a Pedro Álvares, natural de S. Faustino.

Em 3-8-1686, *idem, idem*, a Santos Ribeiro, de Pra-zins, e a António Machado, de S. Martinho de Sande.

Em 30-6-1690, *idem, idem*, a Domingos Francisco da Silva, de S. Tomé de Abação.

Em 24-6-1693, idem, idem, a António André, de Gondar.

Em 10 de Novembro de 1713 o Corregedor de Guimarães intimou Martinho Vieira, da freguesia de Brito, por ordem do Comissário Geral de Cirurgia, para que, sob graves penas, não continue operando manualmente nem emplastrando, excepto panos benzidos, por ser cousa que ao dito Cirurgião-mor não pertencia. Martinho Vieira disse ao Corregidor que não usava de cirurgia por obra de mãos, somente curava com panos benzidos. (*Nota do tabelião Brás Lopes*).

Em 3-3-1768 foi passada carta do Cirurgião-mor do Reino autorizando Josefa Maria, solteira, moradora na Rua da Arrochela, para curar tinha (1).

Em 4-12-1779 foi passada carta pelo Cirurgião-mor do Reino a Inácio José de Sousa Guimarães, concedendo-lhe o privilégio para um remédio, *unguento*, para cura de inflamações, como fleimões, erisipelas, panarícios, chagas e outras idênticas queixas (2).

Em 11-12-1794 foram passadas cartas de exame pelo Cirurgião-mor às parteiras Francisca Rosa, da Rua Nova do Muro, e Teresa Maria de Jesus, do Picoto, que ficavam sujeitas às determinações do Regimento geral das parteiras, que era adoptado pela Câmara de Lisboa (3).

(1) *Livro 9.º dos Registos da Câmara*, a folhas 102 v.:

Os livros das despesas do Hospital da Misericórdia acusam as seguintes verbas:

Em Janeiro de 1618 deram-se 300 rs. ao mestre da aldeia, de curar o moço do hospital.

Em princípios de Janeiro de 1667 deu-se ao mestre de Arões que curou neste hospital o homem da perna quebrada, 1\$500 rs. O homem saiu são.

Em Agosto de 1783, com o algebrista de Sande, de várias vezes que veio a este hospital, que se lhe não tinha pago, 2\$880 réis.

Em 1831 curaram-se 22 doentes de tinha, recebendo Rosa Joaquina, da Caldeiroa, por fazer a cura de cabeça inteira, 1\$200 rs., e pela cura de meia cabeça a 600 rs.

Havia fora do Hospital uma mulher que curava as boubas ou bubas, a quem a Misericórdia pagava.

(2) *Livro 9.º dos Registos da Câmara*, a folhas 149 v.:

(3) O Regimento das parteiras determinava que nenhuma parteira poderia usar do ofício sem ser examinada pelo físico da cidade ou pelo Cirurgião-mor, os quais lhe dariam uma certidão para em Câmara ser confirmada e lhe darem juramento. E usando

Em 23-7-1797 foi concedida licença a Francisco Mendes de Araújo, da freguesia de S. Tiago de Candoso, para curar tumores com um remédio específico de caustico (1).

Em 1806 existia o algebrista Francisco Teixeira, de Atães.

Em 28-2-1818, está copiada, na nota do tabelião José de Sousa Bandeira, uma certidão passada em 25-6-1816 por António Luís de Oliveira, escrivão da comissão do conselheiro Cirurgião-mor do Reino nesta vila de Guimarães e sua Comarca e Comarca de Braga, em como Agostinho José Martins Moimenta, morador na freguesia do Salvador de Pinheiro, se acha examinado na arte de meia cirurgia de curar feridas, chagas e tumores, ficando aprovado. Seus autos de exame foram remetidos para o ofício superior do mesmo conselheiro Cirurgião-mor do Reino, para obter a sua carta.

Em 22-2-1827 foi passada carta pelo Cirurgião-mor, autorizando Maria Joana, viúva, natural da vila de Guimarães, a socorrer e auxiliar os partos naturais, e quando sejam dificultosos, recorrer imediatamente ao auxílio de cirurgião aprovado.

Em 12-12-1829, Antónia Maria, viúva, do Campo da Feira, prestou juramento, perante o Senado, do seu ofício de parteira.

Em 1830 existia o algebrista Manuel José do Vale, de Gondomar.

Em 28-5-1831 foi passada carta de sangria a Jerónimo de Araújo, da freguesia de Candoso, podendo também sarjar e lançar ventosas e sanguessugas (2).

alguma o dito ofício sem a dita examinação e juramento pagariam multa. «Toda a parteira, tanto que chegar a mulher que estiver para parir, saberá dela se está confessada, e não o estando a amocstará que o faça; e a parteira que estiver com mulher que não for confessada pagará pena.

Toda a parteira será obrigada a tomar meudamente conta do tempo que a mulher está prenhe, para ver se é tempo de poder parir; e antes do tempo a não fará parir pelo perigo que a mulher corre em a fazer parir mais cedo.

Nenhuma parteira se entremeterá em caso que tiver dúvida, mas dirá ao principal da casa que mande chamar um médico ou cirurgião para conselho, e fazendo o contrário pagará multa».

(1) *Livro 13.º dos Registos da Câmara*, a folhas 131 v.

(2) *Livro 23.º dos Registos da Câmara*, a folhas 107 v.

Carta de licença passada ao mesmo, em 28-5-1831, para poder curar, por uso e prática, tumores bastardos, com um remédio cáustico e particular, como já havia sido concedida a seu pai José Mendes de Araújo e a seu avô ⁽¹⁾.

Idem, passadas em 7-10-1834 a António Mendes de Araújo e a João de Araújo Salgado, filhos de José Mendes de Araújo.

Colhemos dos Livros de Registos da Câmara, sòmente os nomes dos encartados curandeiros de Guimarães, porque demais estão eles cheios de *Cartas de Examinações* lançadas a favor de muitas pessoas dos afastados e espalhados arredores da nossa Comarca.

Uma amostra é sempre curioso apresentar, como documento de exame e validade official do livre exercício de profissão ⁽²⁾.

(1) *Idem, idem, idem*, a folhas 108.

(2) Em 8-7-1715 foi passada uma Provisão mandando que o Corregedor de Guimarães devassasse sobre os que consertavam pernas e braços, curavam e sangravam, sem terem feito exame.

Num livro do operoso publicista Mário Gonçalves Viana, colhemos a seguinte e curiosa nota:

Na provincia, sobretudo, o barbeiro tinha amplas funções de *médico de aldeia*, applicando mezinhas e sanguessugas, fazendo sangrias, cortando calos e tirando dentes.

Em muitos casos, as Câmaras Municipais davam *carta de curandeiro* ou *curão*, aos barbeiros. Havia, mesmo, livros destinados à sua preparação profissional de curandeiro. Tal é o caso da obra *Pratica de barbeiros em quatro tratados, em os quais se trata de como se ha-de sangrar, e as cousas necessárias para a sangria, etc.* livro este de que é autor o cirurgião Manuel Leitão, professor do Hospital de Todos os Santos, de Lisboa, no século xvi.

Nas *Poesias* de Costa e Silva, faz-se alusão às habilidades múltiplas dos barbeiros de aldeia:

*O Cirurgião da Aldeia
É também Mestre Barbeiro,
Sabia a vida de todos,
E era grande noveleiro.*

*Sangrava, tirava dentes,
Tinba carta de Curão.*

Possuimos um curioso folheto, intitulado: *Novo Manual do Sangrador ou Meio Facil de Sangrar com Perfeição* — Lisboa, 1870.

Carta de examinação de Bm.^{eu} de Paços Sangrador m.^{or} no Cano

O Doutor Francisco Borges de Azevedo fizico da Caza e pessoa de sua mag.^{de} e seu cirurgião mor em seus Reinos e senhorios de portugal faço saber a todos os Corregedores Procuradores ouvidores juizes y justiças officiais e mais Pessoas a quem esta minha Carta for mostrada e o conhecimento a ella com direito pertencer que eu dou lissença a Bertolameu de paços filho de domíngos gomes natural de moreira de Rej termo de Guimarães para que elle possa sangrar sarrafar lausar ventosas e sanguessugas e tirar dentes em todos estes Reinos e senhorios de portugal porcoanto o examinei com Bernardo Gomes e antonio de Araujo Barbeiros nesta cidade e foi approvado para huzar do que ditto he pello Requeiro da parte de sua Magestade a todas as sobreditas justiças que não procedão por via alguã contra o ditto Bm.^{eu} de Passos por assi uzar e fazer o sobredito antes livremente o deixem huzar do que ditto he, e achando Alguas pessoas que uzão das sobreditas couzas sem minha licença as emprazem que em certo tempo paressão perante Mim e paçado elle sem mostrarem que apparesserão as prendão e prezas mas enviem para dellas fazer todo o comprimento de justiça na forma de meu Regimento, e o mesmo fação sendo-lhes denumsiado ao Requerido e por parte do ditto Bertolameu de paços o coal não sangrara sem lissença de medico ou de cirurgião approvado com penna de dous mil reis a metade para mim Cirurgião mor he a metade para quem o acuzar, e eu lhe dej o juramento dos Santos evangelhos que Bem e verdadeiramente huze do que ditto he como cumpre ao serviço de deos e de sua Magestade e proveito do povo. Dada nesta Corte e Cidade de Lisboa sob meu Sinal somente. Anno do nascimento de nosso Senhor Jezu Christo de mil he seis centos e sincoenta e sinco annos, aos dous dias do Mes de Dezenbro do ditto Anno pagou desta sem reis gabriel coelho a fes. (*Livro de Registo de 1655 a 1713, a folhas 22 — Arquivo Municipal de Guimarães*).

Da mesma feição ingénua dos quadros de milagres, são os reconhecimentos prantados nos jornais aos curandeiros e mezinheiros que operaram as curas desejadas nos padecentes aflitos, e depois rendidamente agradecidos, nestes termos de bom sabor popular:

Digo eu Maria Teresa da Costa Mendes, do lugar do Assentô, freguesia de S. Torcato, é verdade ter no joelho direito uma lupia do volume duma tijela, a qual principiou em ponto pequeno haverá 18 anos, e tendo feito bastante despesa para ver se me tiravam, indo eu a Guimarães me inculcuram um homem, que mora na rua das Lajes, barbeiro, o qual me applicou uma porção de massa caustica, e me poz a lupia em tal estado de miséria, sendo que a dita applicação não era favorável, porque a dita lupia era de água e sangue desmaiado, e estando na mesma cidade quatro semanas, e mandando chamar por meu compadre, a Joaquim Antunes, da freguesia de Vila Nova de Sande, e vindo este, viu e examinou o estado em que estava a dita lupia, e logo principiou

o seu tratamento com os remédios próprios da sua habilidade, e no fim de quatro meses deu com a dita lupia sã, e sem defeito algum. E por ser verdade lhe mandei passar o presente. (Vide o periódico *A Tesoura de Guimarães*, de 18-12-1857).

Certifico eu abaixo assinado, que tendo-me nascido detrás do queixo da face direita, e debaixo do ouvido, um tumor cirroso, e por conselho dos facultativos tendo-lhe aplicado vários remédios para o resolver, não foi possível; e indo consultar um cirurgião, que tirava coisas ruins com massa cáustica, me aplicou a mesma por três vezes, e me curou em três meses; porém daí a pouco tornou a aparecer o tumor em ponto pequeno, e consultando todos os médicos de Braga me diziam que era uma calosidade procedida do cáustico, e eram todos de voto de que o não deixasse tirar, nem a ferro, nem a massa, por ser um lugar muito perigoso. Porém a tal chamada calosidade foi crescendo a ponto de ser maior do que um grão de bugalho, e o tinha já ha 14 anos. Encontrando-me em Braga com o sr. Joaquim Antunes, de Vila Nova de Sande, me asseverou que me curava. Com efeito, tendo-me aplicado a massa corrosiva de que usa por sua habilidade, dentro de onze meses me curou do dito cirro, que depois de causticado era tão duro, que foi necessário usar duma turquezinha de ferro, com que o ia quebrando aos pedaços, que pareciam de pedra ou vidro: e presentemente estou sã e livre de tão terrível moléstia, graças em primeiro lugar a Deus, e depois à grande habilidade e eficaz remédio do dito Joaquim Antunes. Por ser verdade passo o presente, que sendo necessário, juro *in sacris*. — Santa Cecília de Vilaça. O abade João Bernardino Taveira Belvas. (*Idem*, 9-4-1858.)

Atesto eu Tomás António de Gouveia, reitor da paroquial igreja de Santa Leocádia de Briteiros, de Guimarães, em como José da Silva, do lugar da Portela, tinha uma menina de idade de 5 anos, um pulmão de nação, de uma mão travessa de largo, na pá do hombro esquerdo, de quatro dedos de largo, o qual foi tirado há dous anos, e até hoje nada mais apareceu, ficando sem defeito algum. Estando denegrida, mandaram chamar Joaquim Antunes, de Vila Nova de Sande, que a tratou com todo o zelo e cuidado com remédio de sua habilidade. (*Idem*, 13-4-1858).

Eu Estanislau Antonio Vieira Cardoso, Juiz de Paz da freguesia de S.^a Maria da Esperança de Anisso, do concelho de Vieira, certifico que tendo uma menina de dous meses e meio, aconteceu ficar um outro menino em guarda dela e com a pouca cautela caiu, e deste resultado subveio-lhe em a sobrelance do olho direito, mas do lado de dentro, um cirro, que os facultativos calculavam ser do tamanho de uma grande castanha, a ponto que já lhe tinha privado toda a vista do dito olho, tendo consultado os facultativos qual seria o remédio responderam que só cortada a carne, mas que era sitio perigoso, e que duvidavam do bom resultado. E estava para romper para a junta do Porto, e neste caso estando com uma senhora em Guimarães, por nome D. Josefa de S. Bento, disse que havia um homem que fazia grandes vanta-

gens, por nome Joaquim Antunes. Está pura e sã, com vista perfeita, com a ajuda de Deus sejam dados louvores ao sr. Joaquim Antunes, e façamos-lhe justiça da grande habilidade que Deus lhe deu. (*Idem*, 27-4-1858.)

Verificamos pela abundância das cartas de examinação, pelos registos officiosos de patente das especialidades e dos remédios que os requerentes e inventores podiam usar, pelas licenças concedidas e pelos juramentos firmados nos livros camarários, que era raro não existir em cada aglomerado de freguesia um desses proclamados mestres habilidosos de curandaria múltipla e sobrepujante, mas devidamente autorizado pelo Cirurgião-mor.

Estas cartas tinham, quando muito, como que a validade duma licença, mas não justificavam nem engrandeciam os créditos de um exame rigoroso às qualidades de competência e de saber de uns meros barbeiros ou habilidosos de jeito amorável, delicados de modos e de maneiras e de mãos leveiras, que muitas vezes nem ler sabiam e mal ajuntavam, por desenho, as letras encarrapitadas dos seus nomes, que saíam e se prantavam manquinhas e às escaleiras.

Nem sequer estas cartas lhes atestavam a idoneidade, nem marcavam reconhecimento de garantia, nem os cursos seguidos da aprendizagem.

Falava o Sr. Físico-mor pelas informações recebidas, pelos testemunhos de boa-fé fornecidos pelas autoridades locais, pela rápida demonstração de um prévio exame feito na presença dos médicos municipais, e, sobretudo, o que pesava na superior decisão do maioral era a tradição de herança, ao saber-se que já os antepassados deste ou daquele sangrador ou algebrista, parteira ou sarjador, usaram sempre dos mesmos recursos familiares de exercício.

As cartas, como os rombos das bruxas, passavam de geração a geração, e eram como as luzes duma paternidade sempre orientada no serviço da arte e do préstimo. Offícios que tivessem os pais, era raro que os filhos os não seguissem, como nota de orgulho e de sucessão.

E então, com os créditos firmados nos atributos formulativos das suas cartas e correnteio deslizar duma fama lisonjeira que os habilitava publicamente, mais pela prática do que pelo saber, eram uns encartados abundantes de imaginação e de experiências, à laia de super-mestres

medievalistas, que se impunham nas curas pela artificiosa visão sugestiva dos sentidos e simbólicas abstractas de malas-artes.

Como morcegos ao cheiro das lamparinas, munidos das parcas ferramentas do seu exercício, percorriam, como os capadores, as casas onde vissem que os seus méritos erradios podiam prestar algum amparo, ou porque lhes cheirasse a ligaduras aguardentadas de ossos partidos ou ao fartum das compressas de fleimões purulentos.

Nesta matéria de garantida estabilidade, pelos afiançados antecedentes de exercício adentro do mesmo veio do parentesco, havia, de facto, muitas vezes, a vantagem de uma continuidade de receitas e de remédios próprios e acessíveis ao povo da localidade e a permanência de quem se habituava, por módicos proventos, a servir, nos arrancos surdos das moléstias mais renitentes, aqueles que precisavam das suas consultas, dos seus recursos, dos seus conselhos e dos seus serviços.

Eram de função parelha: *mestres da aldeia e boticários barbeiros* das sanguessugas e ervas bentas.

Havia até, dentro do contacto geral da freguesia, a sagacidade de alguns miríficos inominados que eram uns autênticos águias nas operações débeis e levemente incisvas de sarjar e sarrafaçar, serviços de pequena cirurgia, como indicavam algumas cartas de exame, em lancetar tumores e quistos sebáceos, extraindo com toda a perícia verrugas, calos, unhas encravadas e tirando como qualquer diplomado dentes sem dor, pelo violento puxão da súpeta e atanzada arrancada.

Os cortes, as junções e os repuxados pelos pontos das carnes a sangrar de alguns lanhos de pequena cirurgia, tinham aquela segurança de execução e de efeitos como os lances operatórios da fruticultura alporcada e das delicadas enxertias de garfo ou de borbulha, em que eram mestres os mais laboriosos proprietários lavradores, que sempre passavam uma vista de olhos pelos tratados rurais dos campos e dos pomares.

Duma actividade atenta e experimentada, eram uns seres que entrando na intimidade dos lares, se mostravam verdadeiramente sociáveis e comunicativos.

A arte caíña e charlatanesca destas personagens, que jogavam com os sortilégios e faziam por um estranho magnetismo de incidências sugestivas, umas curas retar-

dadas, abafadas e aparentes, tinha o seu quê de aliciante, pelo sonâmbulo poder de influir uma confiança ilimitada em todas as privações e contingências de natureza física e moral dos acossados pelos maus agoiros e pelos infortúnios das moléstias e das crueldades da vida.

Artistas modestos das quebraduras, os endireitas, as parteiras e todos os outros que mais se alcandoravam na doutrina preconcebida de um receituário próprio, modesto e inofensivo, ou simplesmente caseiro e prático, trabalhavam por instinto e seguiam as regras naturais de uma intuição cautelosa e de realização material, associadas muitas vezes às condições obradas e ensinadas pela própria Natureza.

Por índole, por correlação, por imitação, pela sua virtuosidade espiritual, pela sua origem humilde, estas sublimadas personalidades da ajuda popular, porque são uns tementes e respeitosos filhos da cristandade, associam também à sua arte e aos seus movimentos de actuação, a beleza divina e contemplativa de muitos acessórios espirituais.

À sombra desta colmeia um tanto humanizada e prestável, vivia uma matilha criminoso e vampirina de bruxas e onzeneiras, de olho vivo, das de levar e trazer, que conturbavam os espíritos, com seus ritos habituais e exotéricos de frequência irregular e misteriosa, de tantas praxes e benzeduras supersticiosas, onde entravam os ensalmos e os luzeiros espiralados de uns defumadores de arnicinas e herbáceos, estralejantes de sal e grânulos resinosos.

No geral, a incapacidade de muitas revolventes, ignorantes e irresponsáveis forjadoras de beberagens de natureza duvidosa, em cozimentos de mixórdias abortivas, e outras com poderes amoratórios, arrebitos de crescência sexual ou estimulantes germinativos, pelas infusões variadas de pós de cantáridas, sumos leitosos de figueiras bravas, corolas de papoilas, cascas de romanzeira e pontas de funcho e alecrim, espalhou pelos redios dos mansos e inocentes cordeirinhos da lavoira, uma gamelada de cevadoiros bons de engolir mas difíceis de digerir, pelo que revolucionavam as entranhas e as vísceras de quem se via nos apertos das drogas ministradas, avergoando muitas nevróticas criaturas, que acto contínuo recorriam, pela sua credulidade, a outro mal ainda para

pior, à ciência empírica e implexa das adivinhadeiras cartomantes e das endiabradas e terríficas bruxas.

O alecrim é a planta das virtudes, assim como o trovisco é a planta dos malefícios.

Nem tudo, porém, se explicava e razoirava em realidade de censura; nem tudo era amoral, inconstante, vagabundo e funesto; nem em tudo havia opacidade de sentimentos e de escrúpulos, ou incongruências e endrôminas de manipulação ou impropriedade de aviamentos e complementos envolventes que desandassem, por artes de berliques e berloques e artimanhas do mafarrico, em transmissibilidade, as pragas de uns para a coceira dos outros, ou operassem automáticas espantações dos malefícios que enforquilhavam as almas mal benzidas.

Não. Tudo corria da mesma fonte, é certo, tudo se conservava igual em natureza e em essência, com o mesmo poder de comunicação e de actuação, mas havia que afastar e distinguir do que se fazia intencionalmente por interesse e ganância, daquela virtude emocional que dava e ministrava aos outros o que para si gostava que lhe fizessem. De resto, nunca houve perigo de maior de quantos nesta vida se contentam, no falario das conversas e nas andadas dos caminhos, com o apregoar dos seus próprios remédios e das suas próprias experiências, que isto ou aquilo, assim e assado, desta maneira e daquela, fez bem ao bichoco do menino, às cambras do homem ou às sezões da avó.

É assim um dessedentar à laia de quem bebe uma pinga pelo bico da mesma infusa.

O perigo, nefasto e contagioso, como já dissemos, estava na propinação peçonhenta daquelas mistifórias preparadas pelas matreiras do ofício, sevandijas abjectas que de várias escorrências preparavam umas garrafadas sem rótulo nem etiqueta.

Havia, entretanto, e convém acentuá-lo pelo que representa de nobilitante, em diversas freguesias do nosso Concelho, naquelas sobretudo de maior predomínio social e económico, pela concentração de um mais largo número de paroquianos sedentários, que faziam parte dos viveiros fidalgos e aburguesados, e arrecadavam os foros e as rendas pela contagem dos seus feitores anal-fabetos que só se entendiam pela escrita dos riscos e das

cruzes, havia, em diversas freguesias, a prevalência de uma classe distinta de matronas solteiras e entradotas.

Eram do tipo platónico, transitivo, meia reserva, das que *ficavam na peça, para tias*, e engrossavam, pelos seus vagares nas lufas caseiras, as devotas irmandades e confrarias nos cargos serviceiros de zeladoras, mordomas e juízas.

Formavam, à parte da onda negra e moirejante dos servos da terra, a classe representativa das fidalgas morgadas, que muitas vezes desempenhavam e reflectiam uma prevalência de humano préstimo ao derredor dos soprados ventos do infortúnio.

Estas fidalgas morgadas, que viviam isoladas, para lá das barreiras citadinas e das ruas de calceta, diferenciavam-se da intrínseca orgânica e dos sentimentos de educação daquela outra burguesia aristocrática do meio urbano e civilizador, burguesia de fedúncia, espartilhada de etiquetas e de respeitos de sala acima.

Lá porque ficaram à margem dos amores e dos pretendentes, tinham outra capacidade de trabalho e prestavam-se a uma postulação de serviços e de respeitos pela compaixão dos necessitados e dos que pelos campos e pelos ermos viviam sem remédios e sem assistência.

Conheci algumas destas apreciáveis, benfazejas e emurchecidas morgadas da aldeia, poderosos supedâneos das festividades, dos sacrários e dos altares, do equilíbrio familiar das rendas e dos gastos e amparo protector dos pobres e dos famintos. Tinham sobre os humildes cultivadores uma grande ascendência e uma grande aceitação pelo bem que faziam e pelos serviços que prestavam, elevando das miseras camadas da terra estercada com os matos e palhucos dos currais e dos eidos, as almas doentes e as crianças desamparadas que se agonizavam na extensão solitária dos montes, dos carvalhais e das florestas.

Em alguns solares se coziavam fornadas de boroa, uma vez por semana, para os necessitados. Noutros, ao toque das Trindades, dava-se uma tigela de caldo, e a todos se davam os melhores conselhos, os mais apropriados remédios, que se mandavam aviar na vila, sendo estes solares os primeiros postos de assistência, onde havia uma seringa, um irrigador, uns tomentos, umas ligas e um termómetro.

Dos remédios e das cautelas

Já um dia escrevemos no capítulo «Medicina Popular e Cautelas supersticiosas», das *Tradições e Usanças Populares*, que a medicina caseira, em parte, e sobretudo aquela que se relaciona com certos e conhecidos casos, é feita de uma experiência aturada.

Tem por vezes a medicina popular, fechada num curioso recato de fórmulas não conhecidas, segredos que fazem parte de um património de virtudes familiares e que andam num espalhar de caridade sempre dentro da mesma geração. Segredos sim, de medicina caridosa, e não de benzillice especulativa, que a ninguém se desvendam, mas a todos os precisados, já compostos e prontos nas receitas de mezinha, se dão ou se aplicam.

E ali demos relação de uma boa fartura desses curandeiros e curandices.

Claro que nem tudo é bom, mas tudo é curioso e digno de apreço e estudo, dentro da psicologia dos costumes, das práticas habituais, caseiras, e das mais variadas fantasias dos conselheiros e dos operadores.

Aumentemos, pois, o capítulo e o receituário, com o mais que colhemos e observamos:

Na freguesia de Penselo, havia uma mulher de virtude, a D. Luzia, que preparava com marmelada, a que juntava certa mezinha herbácea, um emplastro que punha na barriga das crianças que fossem refractárias a expelir as bichas, pondo também, quando da aplicação do emplastro, e como medida preventiva para que as bichas não subissem à cabeça das crianças, uns paninhos no nariz, molhados em vinagre.

O emplastro, segundo a crença do povo daquela freguesia, tinha a propriedade de delir as bichas, que depois as crianças evacuavam com facilidade.

A imagem de N. Senhora do Amparo, da capela do Espírito Santo, na freguesia de S. Lourenço de Sande, foi resguardada por um pároco num oratório, porque enquanto esteve no altar, a cada passo lhe acontecia ficar sem o manto e a coroa. As parturientes, no auge dos *apertos* demorados, mandavam procurar o manto e a coroa para se adornarem com estes objectos na fé ardente de que se aliviavam mais depressa. Isto ainda acontecia

há poucos anos, e se hoje se não pratica é porque a Senhora está *presa* (1).

*A Senhora da Oliveira
De pequenina tem graça;
Tem bons mantos de virtude
E a oliveira na praça.*

Para as mulheres terem bom parto é bom dar nove voltas em redor da capela de St.^a Margarida, e dizer sempre: *Santa Margarida, eu não estou prenha nem parida.*

A capela de S. Simão, em Gondomar (Guimarães), situada no monte do mesmo nome a sul da igreja, estava arruinada em 1802, sendo demolida, e a imagem do padroeiro, conserva-se na igreja. É advogado das mulheres que têm falta de leite, que para o obterem procedem do seguinte modo: Implora-se a protecção do santo, fazendo-lhe uma promessa, mandando-se em seguida buscar a terra do santo, que é extraída duma pedra guardada na sacristia e que, metida numa saca, se coloca ao pescoço da devota. Alcançado o leite, vem a devota cumprir a promessa ao santo e traz a saca, que dependura aos pés do mesmo.

Assim no-lo refere o Abade de Tãgilde, no livro 2.^o dos seus Manuscritos.

Mas é curioso observar como estas práticas do povo tomam por vezes feições diversas e se adaptam a todas as necessidades, chamando cada um, sob o mesmo impulso de crença, para os seus desejos, a protecção dos meios, dos poderes ou dos santos que mais ao alcance lhe ficam. E se, como é certo, cada um aos santos pede a cura dos seus males, a relação de súplica, embora diversa, entra na mesma função e ordem das práticas pelo uso exercidas.

Quer dizer: se o santo advoga contra a falta de leite, e faz bem proceder deste ou daquele modo, para a esterilidade das mulheres, para bom partejar ou outra qualquer coisa, não deixará de ser mau, e da mesma forma eficaz, o exercício do mesmo ritual.

(1) *Guimarães e Santa Maria*, pelo Abade de Tãgilde, pág. 108.

O afinco é este, e a crença da favoreza está mais directamente na relação das práticas a cumprir, do que na especialização das doenças a combater.

Os banhos do mar e as águas das fontes santas não fazem bem a muitos e diversos males? Os sapos, o sal, a cinza e a terra dos cemitérios não servem para os mais variados embruxamentos e feitiços?

Por isto ser assim, é que a Martins Sarmento informaram o mesmo caso, mas com variantes e mais fantasia de pormenores:

«*Gondomar* —..... Da capela do santo não restam vestígios, segundo me informaram; o que resta ainda, dizia-me outro noticiaria, é uma pia de pedra redonda, onde se espremia o mel ofertado a S. Simão. Aqui está agora coisa mais curiosa: o santo foi trazido para a igreja da freguesia em tempos que se não precisam, e trazida ao mesmo tempo uma pedra de granito fino, de uns dois palmos de comprido, quase informe, se qualquer observador audacioso não se lembrar de lhe descobrir uma forma fálica. A pedra tem uma virtude especial contra a esterilidade das mulheres: basta raspar nela e recolher numa saquinha o pó resultante desta operação; pendurar a saquinha com toda a fé debaixo da estátua do santo, para que a suplicante se veja livre do mal, que por tanto tempo impeceu à mulher de Abraão. Como não haveria espaço para as saquinhas de todas as devotas, que até hoje têm implorado a graça do santo, as mais antigas vão sendo atiradas fora. Eu ainda vi umas vinte no seu lugar. Pena é que a origem desta costumeira não possa ser bem esclarecida. O santo não recebe hoje, que eu saiba, ofertas de mel, mas qualquer oferta que se lhe faça, deve ser de objectos brancos» (1).

E Leite de Vasconcelos, ao mesmo caso se refere, deste modo: «Em Gondomar há uma lagoa ao nascente de Briteiros, margem esquerda do Ave; a mulher que anda no seu estado interessante, vai ter com o padre da freguesia para este raspar um pedaço de pedra de Anção (que vem dum monte próximo onde houve uma capela de S. Simão); a mulher recolhe numa saquinha umas pitadas

(1) F. Martins Sarmento, «Materiais para a Arqueologia do Concelho de Guimarães», *Revista de Guimarães*, vol. XVI, págs. 9 e 10.

do pó, e trá-las ao seio para ter um parto feliz. A saca é de novo entregue a S. Simão» (1).

O Senhor das Chagas de Tubias é milagroso, vindo a Guimarães onde se coloca no Convento do Carmo por esterilidades; tem muitos retratos pendurados em volta; a água que se toca nos seus pés é milagrosíssima para febres e sezões (2).

A *pedra do santinho*, para o cansamento do peito, existe na freguesia de Matamá; o *penedo da Senhora*, para as dores de cabeça, na freguesia de Candoso.

A terra da sepultura do abade Wamba, misturada com várias ervas do passal e tocadas na imagem de Santa Leocádia, cozem-se em água. Qualquer doente que a beba durante nove dias, ou sara ou morre (3).

Os periódicos de há mais de oitenta anos, já assim falavam da celebridade do *homem do dente santo*: «Há aí para os lados de Braga um homem a quem vulgarmente chamam o *homem do dente santo*. Este homem traz um dente, não se sabe de que, encastado em prata, e preso de uma fita e com ele benze os gados, os campos, o pão, a água, a gente, o ar, etc., porque, diz ele, aquela benzedura tem a virtude de não deixar danar algum animal, ainda que tenha sido mordido por outro que já o esteja.» (4)

Por essa época andavam muitas receitas para a cura da hidrofobia espalhadas pelos jornais da terra: «Tomam-se três gemas de ovos, e pouco mais ou menos meio quarteirão de azeite; lançam-se num vaso de barro vidrado que se põe a um fogo brando, mexendo-se sempre com qualquer instrumento que tenha aço. Logo que esta mistura principie a engrossar retira-se do lume, deixa-se arrefecer e passadas seis horas, toma-se de manhã. O mesmo se fará nas duas manhãs seguintes. Este remédio, para fazer bem, deve ser tomado logo depois da mordedura.» (5).

(1) *Tradições Populares de Portugal*, de J. L. de Vasconcelos. Porto, 1882, p. 91.

(2) *Diccionario Geographico*.

(3) Ver *De Guimarães — Tradições e Usanças Populares*, por Alberto Braga.

(4) *A Tesoura de Guimarães*, n.º 97 de 1857.

(5) *A Tesoura de Guimarães*, n.º 97 de 1857.

«Um punhado de salsa, outro de arruda, outro de trevo dos prados. Pisai estas ervas e juntai-lhe uma oitava de casca de laranja amarga, seca e ralada, cinco ou seis cravos da Índia reduzidos a pó, um punhado de sal e um quartilho de vinho tinto. Ponha-se tudo de infusão por espaço de 18 ou 24 horas sobre cinzas quentes e em panela de barro (nova) e vidrada, tapada e bem grudada em roda. Depois destapa-se e espremem-se as ervas, para lhes extrair todo o sumo e dá-se a beber este líquido ao doente, em jejum (isto é, um copo de 4 ao quartilho), fazendo-o depois passear (moderadamente) por espaço de quatro horas, sem tomar alimento algum. O bagaço que fica depois de extraído o suco, applica-se sobre a ferida e aí se deixa por 9 dias.

N. B. — A mesma porção de remédio deve tomar-se se o doente lançar fora a primeira, apenas bebida, o que pode acontecer. Também se pode dar a animais mordidos, mas em dose maior, fazendo-os passear. O remédio não pede dieta alguma e pode-se tomar muito depois da mordedura, quando se não tome logo» (1).

«A família Valdez, de Tui, possui uma pedra que tem a propriedade de curar as mordeduras de cão danado. Este inestimável mineral não tem só a virtude de curar o mal, senão de descobri-lo, se existe; e fá-lo da maneira seguinte: Chega-se a pedra à ferida; se efectivamente foi ocasionada por mordedura de animal danado, adere fortemente a ela, extraindo toda a peçonha que contém, até que não tendo já virus maligno, se despega de per si e o paciente fica curado. É assombroso! Do infinito número de pessoas que há muitos anos tem procurado aquele remédio, podemos afirmar que nenhuma tem voltado sem a saúde apetecida e livre de todo o perigo. E contudo ainda até agora os médicos não analisaram aquele mineral, nem tão pouco tiveram a curiosidade de examiná-lo e observar os seus maravilhosos efeitos!» (2)

(1) *Vimaranense*, n.º 44 de 1891.

(2) *A Tesoura de Guimarães*, n.º 98 de 1857.

E quanta panaceia milagrosa! «Na sacristia da Real Colegiada de Guimarães venerava-se com grande devoção uma cabeça santa, por cuja causa aquela igreja é muito visitada de gentes mordidas dos cães danados, trazendo a benzer o pão e mantimentos para os seus gados, e não se sabe que alguma pessoa tendo ali vindo perigasse em tão terrível mal; e tendo disto notícia sr. rei D. João I.^o logo que da cadela danada foi mordido no curral do gado, logo a veio visitar a Santa Maria de Guimarães, prometendo de se pesar a prata, como cumpriu.» (1)

«Em Sindim (Beira), há sim hum grande concurso de gente de varios povos em dia de Sam Braz que vem à Igreja Matriz a venerar huma reliquia do mesmo Santo... E nos mais dos dias do anno concorre munta gente ou ferida de animaes damnados e muntas pessoas com grandes feridas a tocar a santa reliquia... e da mesma sorte trazem a santa reliquia os guados e toda a casta de animaes domesticos ao adro desta Igreja... e fazendosse porssição como se costuma ao redor da Igreja lançandosse a benção com o dito cofre como se costuma... Também todas as mulheres opremidas com dores de parto mandando avizo e fazendose porsisão com a Santa reliquia ao redor da Igreja infalivel e incontinente se segue o parto da criança ou viva ou morta.» (2).

Uma das especialidades milagrosas de S. Félix Mártir (Valença), é a de preservar contra a hidrofobia. (3).

A água fervida tem mão na vida.

Sobre o uso e o abuso da aguardente, assim se pronuncia o povo:

*Não me chameis aguardente,
Chamai-me água feita.*

(1) *Memorias Resuscitadas da Antiga Guimarães*, pelo P.^e Torquato Peixoto, pág. 210.

(2) *O Archeologo Português*, vol. VII, pág. 267.

(3) *A Princesa de Boivão*, por Alberto Pimentel.

No *Jornal do Médico*, n.^o 101, de 30-12-1944, a pág. 169, publica o Dr. J. A. Pires de Lima uma curiosa e extensa bibliografia sobre as mordeduras de cão danado.

Ver também de Augusto C. Pires de Lima o opúsculo: *A raiva na tradição oral e escrita*.

*Curo-vos as feridas,
Sirvo-vos de receita.
Mas quem comigo se meter,
Meto-o três dias na cama
Que não se há-de poder erguer.*

Abrótegas, para curativo da tinha; erva molarinha para a sarna; cravo do monte é purga forte; erva cidreira e agriões para doenças de peito e bofes. Infusão de tonas de romãzeira para a icterícia; buganhos para as febres e chás da madre-silva para a albumina; chás de bosta de boi, para as bexigas.

As ínguas talham-se com uma fouce e diz-se:

*A fouce e a íngua
foram a Roma;
a fouce voltou,
a íngua ficou.*

Variante para talhar o bicho:

Passar o fio duma faca sobre a inflamação e dizer:

*Que talho?
— Bichos, bichões,
aranhas, aranhões,
cobras, cobrões
sapo, sapão
lagarta, lagartão,
bichos de toda a Nação,
todos os bichos, bichinhos
para trás tornarão.*

Quando o sangue se solta pelo nariz, o que acontece muito frequentemente às crianças, ou quando mesmo os adultos sofrem desse mal, costumam pôr, disfarçadamente, para o fazer parar, uma cruz de palhas nas costas do doente, ou então este sorver, pelo nariz, posta a mão em

concha, água de mina, muito fresca, que caia de biqueira muito limpa, dizendo:

*Que Santa Marta bendita,
Jesus e Santa Maria,
Me abrandem e me curem
O mal da minha sangria,
Santificando em graça
Esta água milagrosa
Que me cura e alivia.*

Todos os anos, na primeira sexta-feira de Agosto, costuma o povo defumar as suas casas com alecrim, eucalipto e pinheiro, por causa das pestes.

Para talhar a erisipela entra-se numa qualquer igreja, borrija-se a parte afectada com água-benta e diz-se:

*Erisipela sai-te daqui,
que a água-benta corra atrás de ti.*

Ou ainda, com um raminho de oliveira embebido numa mistura de azeite, água e sal, vai-se dizendo consoante se vai borrifando:

*Fulano (o nome da pessoa) que te come,
que te prói? (1)
A rosa vermelha?
Com que a curamos?
Com sal do mar,
erva do monte
e água da fonte.*

Repetir isto três vezes em cada dia, em jejum, e acrescentar:

*Santa Elisia
Três filhas tinha.
Uma urdia,*

(1) De prurir, causar comichão.

*outra tecia,
outra em chamas de fogo ardia.
Perguntou a Nossa Senhora
que seria bom, que lhe faria:
Nossa Senhora lhe disse
que lhe bufasse
três vezes na face
que o fogo se lhe apagaria.*

Ou também, passar uma corda de esparto humedecido em azeite de oliveira na cabeça da pessoa atacada do mal, dizendo:

*Pedro Paulo foi a Roma
Jesus Cristo encontrou
E ele lhe perguntou:
— Pedro Paulo que vai por lá?
— Muita erisipela e erisipelão
que é doença má.
— Pedro Paulo torna lá,
Dá-lhe com corda de esparto
e azeite de oliva
que nunca mais lavrará.*

Para as enxaquecas, lumbagos, dores das cruzeiras, chapizar a parte dorida com algodão ou qualquer farrapo embebido em vinagre forte, aguardente ou sumo de laranja azeda, ou ainda esfregar com cebola crua ou alhos pisados, e ir dizendo em ladainha compassada:

*Santo Amaro e S. Cristóvão
Já pediram e rezaram
E romaria fizeram
Junto de nove cruzeiros,
Para que as dores se fossem
Do corpo de quem as tem.
Nós prometemos também
Mais rezas e devoções
Se as dores forem passando
Com as nossas orações.*

Da mulher e das crianças

Em solteira, a cruz da mulher é de palha; em casada, é de ferro; em viúva é de pau.

Toda a mulher que se casa deve tirar um pau ao lume, uma hora ao sono e um bocado à boca. (*É uma base de diligência e de economia.*)

O povo explica extravagantemente, a seu modo, é claro, o fenómeno que por vezes se observa de uma mulher parir um aborto parecido, por vezes só em imaginação, com este ou aquele bicho.

E diz então que esse fenómeno se dá, desde que aconteça:

1.º — Quando o coito se realiza no período da menstruação e a mulher adregue de conceber;

2.º — Quando, sobre a roupa que as mulheres trouxeram no período da *assistência* (menstruação), e que costumam meter em poças durante algum tempo para facilidade de melhor lavagem, quaisquer bichanos façam cama nos seus macheamentos. Neste caso, a mulher que conceber após que tal suceda, terá por fim bichano igual, ou parecido com aquele que sobre a sua roupa se macheou.

O perigo em que a mulher está durante o período do parto é assim definido: Quando a parturiente tem uma criança do sexo feminino, tem a sepultura aberta durante 50 dias; se do sexo masculino, 30 dias. (*Quer dizer que só passado este tempo se encontra completamente livre de perigo*).

Mal de paridura, só na sepultura tem cura.

Os *incomodos* (períodos menstruais) das mulheres são uma vez macho, outra vez fêmea: macho, quando as hemorragias são mais abundantes; fêmea, quando são menores.

As mulheres do povo têm um recato extraordinário quando *assistidas*. Não andam descalças, não se lavam e nem de tudo comem: as batatas e os feijões, tapam as veias e as hortaliças espigadas fazem nascer *ruins* no útero.

A mulher que tiver os dedos dos pés muito juntos, terá os filhos com dificuldade.

A primeira água em que se lavam as crianças do sexo feminino é deitada pelo povo à beira dos tanques, para que, quando forem mulheres, não gostem de andar muito na rua.

Coroa torta (*na cabeça das crianças*), irmão à porta.

Para as crianças cantarem bem, depois de grandes, costumam as mães matar o primeiro piolho, que nas suas cabecinhas encontrem, na chapa da roda do carro de bois.

Para não terem medo, costumam metê-las nas aduelas dos moinhos. Untá-las com azeite, torna-as finas, espertas; com mel, agradáveis.

Quando nasce uma criança, se for rapaz, é bom deitar-se na água do primeiro banho uma moeda de prata ou de cobre, deitando-se depois a água fora da porta; se for rapariga, deita-se um cordão de ouro, e a água debaixo do forno.

Quando uma criança tem dores, rebola-se pela pedra de ara de um altar.

Fogo-lobo. Nunca uma mulher grávida, nas proximidades da paridura, deve ir presenciar um incêndio. É que fica sujeita a que o recém-nascido, mais cedo ou mais tarde, venha a ter o *fogo-lobo*, isto é, uma irritação de pele, semelhante à brotoeja, que requer talhamento imediato para o mal não alastrar.

— O teu filho que tem?

— O *fogo-lobo*, e foi por eu assistir ao fogo das casas do Largo do Carmo, andando no fim do tempo.

Candido de Figueiredo regista como provincianismo o termo *fogo-ardeite* — sinónimo de impigem.

Banhos de farelo trigo, dão-se às crianças que tenham no corpo certas fogações.

Caldos da descaída dos frangos ou galinhas. O melhor alimento para os que têm a espinhela caída. A *descaída* consta da moela, fígados e das tripas enrodilhadas nas pernas.

Espinbela caída: termo vulgaríssimo:

*Ó Margarida moleira,
Que é da outra Margarida?
Está deitada na cama
Com a espinbela caída.*

Se uma mulher tocar sino e casar, não poderá parir sem o marido ferrar os dentes na corda do sino.

Se uma mulher grávida torcer a roupa por cima da água, não pode parir enquanto o marido não saltar por cima da mesma água.

A criança, ao ano andante e aos dois falante.

Quando, porém, aos dois anos a criança não fala, metem-na dentro dum fole ou dum saco da farinha e a madrinha e o padrinho correm com ela três casas das proximidades, pedindo:

*Quem dá a esmola para o menino do fole
que quer falar e não pode?*

A esmola consta de umas bolachas, pão trigo, doces, etc.

Nas casas, têm de entrar por uma porta e sair por outra, e nunca pela mesma.

As mulheres do povo costumam dizer que quem tem dois filhos, tem um, e quem tem um, não tem nenhum. Para bem, uma mulher deve ter tantos filhos como os pés da cama.

As parturientes, para terem leite, costumam enterrar as secundinas no leito de qualquer rio, que leve bastante água. É difícil, mas tem de ser.

Quando se vira ou cai azeite no lume, é sinal de desgosto. É bom deitar logo um gole de vinho para desfazer o mau presságio.

Estando o lume a arder sem ter nada em cima, dizem que está a dona da casa a envelhecer ou a empobrecer.

Faz criar tumores o comer castanhas em dia de Natal.

Quando na mesa a toalha é deitada de avessas, as pessoas que à roda dela se sentarem nunca se encherão de comer.

Quando morre uma cabeceira em qualquer freguesia no dia de Ano Novo, morrerão durante o ano mais sete cabeceiras.

Mulher que se receba (case) em dia que esteja defunto na igreja, nunca terá filhos.

Quem deitar os ovos às galinhas chocas no sábado de Aleluia, da parte da manhã, terá muitos pitos (frangos); se da parte de tarde, muitas pitas (frangas).

Não se deve entrar (ou dar a guardar) em qualquer casa, e principalmente em estabelecimentos de negócio, com vasilhas de água, sem que se deite um bocado no chão, e assim para evitar que se leve a fortuna do comerciante, ou para que ela não lhe fuja.

Não se deve também, quando se vai buscar água à fonte, levar nenhum resto dela no fundo da vasilha, pois se alguma levar, a pessoa que a for buscar chorará infalivelmente nesse dia, por qualquer motivo.

Para que as laranjas não façam mal, costuma o povo dizer, antes de principiar a comê-las:

*Laranjão,
laranjinha;
não faças mal,
à minha barriguinta.*

Ou também:

*Tangerina, pequenina,
não faças mal à minha barriguinta,
nem de noute, nem de dia,
nem no pino do meio-dia.*

Antiga adivinha de grande sabor popular:

*Sou velha, ninguém o nega (a videira),
O inverno me faz cega*

*E o verão abrir os olhos,
E ainda Deus me enche de filhos, (as uvas)
E tenho um forte e valente (o vinho)
Que faz perder muita gente,
No juízo e na honra.*

Outra ainda, sobre o vinho:

*É do verde coradinho,
é do bô e faz suar;
há quem diga que dá forças
sem fazer perder o ar.*

*É do verde coradinho
criado nas verdes latas, (latadas ou ramadas)
há quem diga que dá forças,
a mim faz-me andar de gatas.*

Sentenças e dizeres familiares

*Primeiro a boca to dirá;
Segundo guardarás;
Terceiro irás a S. Brás;
Quarto descansarás
E quinto a St.^a Agueda irás.*

*Dos Santos ao Natal
São as noites de velar, (serão)
E quem nessas noites
Não velou (seroou)
Tarde acordou.*

As sete semanas da Quaresma são assim contadas pelo povo:

*Ana, Magana, Rabeca, Susana,
Lázaro, Ramos, na Páscoa estamos.*

Em Agosto, toda a fruta tem gosto.

Três castanhas e um copo de agupapé, fazem pôr um velho de pé.

Comer laranjas em Janeiro é chamar pelo coveiro.

O hóspede e o peixe, aos três dias te deixe.

Casa sortida, casa perdida.

Pão ao quilo e vinho ao quartilho, põe a gente como um espantilho (ou pampilho). (*Isto é, seca, magra*)

Do comprado ninguém é farto.

Casa que não é ralhada, não é governada.

Depois do S. Martinho, todo o vinho é velhinho.

Quem não tem dinheiro, não fala a vendeiro.

O pouco rezar e não pecar, leva as pessoas a bom lugar.

Quem não poupa a lenha, não poupa nada que tenha.

Couve torta, boa horta.

A figueira tem o diabo à beira.

Chuva de sábado, nunca tem cabo.

Ano de morrão (*fungo parasita do cereal*), ano de pão.

Vinho no lagar, favas no faval.

O cebolo, pelo Natal, há-de estar como o bico de um pardal.

Quem colhe azeitona antes do Natal, fica com o azeite no olival.

Quem se carrega de nabos, carrega-se de diabos.

Lavradores feirantes ou carreteiros, são maus caseiros.

Perna gorda tem-te bem, que a magra por si se tem.

Cabrito de mês, leitão de três, e mulher de dezoito até vinte e três (*anos*).

Dívidas e pecados, quem os tiver que os pague.

Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à porta.

Quem ao longe vai à boda, pelo caminho lhe fica toda.

Pelos criados, filhos e netos é que somos descobertos.

As manhãs de Abril são boas de dormir e caras de servir.

As nevascadas (*nevascas*) de Abril, ainda fazem quincar (*guinchar*) os porcos.

Ande por onde andar o verão, ele há-de vir pelo S. João.

Chovendo em dia da Ascensão, até as arribadas (ou *até as pedras*) dão pão.

Quem ganha três e gasta quatro, não precisa de bolsa nem saco.

Quem deita sal ao lume, põe a alma a arder.

Quando o mal é de nação (*nascença*), nem a sabão.

Quanto mais longe é a romaria, mais folga a Maria.

Casa lavada, saúde dobrada.

Raia em Maio, tumba à porta.

Maio pardo e erveiro, enche a cuba e o celeiro.

Chovendo em dia de Páscoa não há nozes, mas há bom centeio. Daí o povo dizer: Nozes bichócas, eiras centiosas.

Quero a minha casa farta, mas que se não perca uma batata.

A vontade de comer faz a velha correr.

Papas e bolo é comida de tolo.

De boa para tola, vai um véu de cebola.

Do cerejo ao castanho, bem eu me amanho; do castanho ao cerejo é que eu me vejo. (*Quer dizer que do tempo das cerejas ao das castanhas, não falta que comer, o pior é depois*).

Quem me quer bem, diz-me do que sabe e dá-me do que tem.

Mãe videira, faz a filha esterqueira (*podre, indolente, etc.*).

De Mendes, nada esperes que nada tendes.

Asseada como a rainha e descalça como a galinha. (*Diz-se da que vai bem vestida e mal calçada*).

Lágrimas de mulher e chuva de verão, enganam quem quer.

Vai-se à feira ver o que vai: a mulher e o burro é o que sai.

Manel d'aldeia casado com moça da vila, aos três meses está parida.

O pedir foi o último remédio que Deus deixou no mundo.

O diabo serviu um dia e pediu a soldada de um ano.

II — Romanceiro

*Há em todos os lares restos de crenças,
lendas, superstições que a gente conserva toda
a vida, e a cada momento ocorrem, como estri-
bilho duma velha canção.*

(Fialho d'Almeida)

Os melhores e os mais apreciados e saborosos frutos saiem dos campos, das aldeias, e arriscam a sua representação de vida, por entre a rusticidade do cultivado e do bravio, prontos a darem-se aos mais gulosos do perfume, do paladar, da beleza e do colorido.

É questão de gostos. As colheitas podem ser fartas, aliciantes e variadas.

Tanto podemos colher um fruto que nos dessedente, uma flor que nos embriague, como uma cantiga que encha de frescura o nosso coração e o nosso espírito.

Temos de tudo, na estrutura deslumbrante da natureza, e em prodigalidade.

As cantigas brotam infinitamente tão simples, que a sua alacridade e o miudinho do seu vestir de palavras são a nota explicativa, ao nosso sentimento, de que um rosário delas é capaz de formar a maior riqueza, em contacto permanente e desfiado, até à formação de um tesouro valioso.

Precisamos, à medida saborosa dos nossos desejos e intentos, e numa curiosidade construtiva, despertar em nós essa aferrada vontade de seguir o povo, de o ouvir, se quermos aproveitar, do tesouro, um nadinha para engastar na coroa prodigiosa de tanta luminosidade poética pastoril.

As veias são férteis, e cantarolam como bandadas de pardais por toda a liberdade dos céus e da terra.

As quadras andam atadinhas em novelo no coração das raparigas, e boca que se abra, passo que se dê, serviço que se faça, romaria que se visite, dança que se movimente, eis que o fio vai correndo e se solta dos lábios já na tessitura dos versos, tão armados como as asas das pombas e das andorinhas em movimento, nas suas reboadas ao soalheiro da quentura.

Assim andam as quadras soltas, singelas, como perdidas pelos ares.

As ladainhas dos versos engatados do romancieiro, as historietas versificadas, esse espólio fantasioso, o mais antigo e tradicional, perdeu a gama e o viço, como as fontes que secaram.

Parou a sua voz, e o sol não mais rebrilhou na boqueira gotejante da sua cantilena de um raiar angelical.

Nos serões do discorrer, porém, noites batidas de Trindades, à lareira esboralhada e fumarenta, é que uma ou outra velhota pode espevitir uma dessas seguidilhas enamoradas e de fadário, que tanto preço deram ao património maravilhoso de uma fonte inesgotável de saber contado e cantado.

As histórias lendárias desses contos de maravilha, tão variados de enredos e de sucessos, saem da cachimónia das velhinhas num verdadeiro prodígio de lembrança, graduadas de voz, consoante os lances super-realistas ou cismáticos duma dramatização pungente ou cavalheirosa.

É caso para perguntar a essas velhinhas, à luz rabaça das candeias, entre o arisco vivo das cinzas e o negrume dos painéis, de onde teriam vindo tantos lumes do entendimento humano, na cadência mimosa de tantos romances em verso.

Sabe-se lá como nasce a poesia rebrilhante e variada das estrelas!

Tudo se regista na vida ao sabor humano da inteligência e do amor.

Só o coração e o génio criador nos matam as grandes sedes.

Tudo se renova e transforma, maravilhando a nossa sensibilidade. O que nos emociona, estonteia e enleva é o movimento das criações e das transplantações, sublimando em requinte tanta lenda, tantos príncipes encantados e tantos santos, revelando-os do entendimento e ao sabor de quem só pelo prazer e pela graça decorou os versos e os exemplos encantadores e sugestivos da enorme e patriarcal grandeza dos romances de germinação popular, exuberante e fecunda.

O enrocar da lenda é o fio originário e rorejante das coisas que se não podem aprofundar.

■ Dos tesoiros mais virtuosos da lapidação lendária, entre o glorioso e pitoresco capítulo das moiras, das fadas

e dos santos, é o povo o mais saudoso guardador, que os vai transmitindo de geração a geração, sem avareza, para o infinito constelar daquela vida tradicional, amorosa, apaixonante e caseira.

«No Algarve as encantadas e os contos mouriscos, inspiram-se de um certo maravilhoso, que no Minho vai colorir principalmente os cantos religiosos de hospitalidade, os milagres e as lendas dos Santos» (*Teófilo Braga*).

Os contos, os que se dizem em linguagem corrente, simples, singelos, pontas de silvas engastadas em gestas bravias e floridas, esses formam uma doutrina à parte, são exemplo da humildade de Nosso Senhor, quando andava pelo mundo disfarçado em pobrezinho, a pedir esmola, a dar conselhos e a castigar os maus e os falsos. Têm uma tessitura mais ingénua, mais popular, ao alcance de qualquer fazedor habilidoso de imaginação fabulesca.

Mas o romance em verso, o canto desfiado em rítmica harmonia, compassadamente marcado, caprichosamente cerzido, quem foi que o inventou? De onde veio? Quem o ensinou?

«O que é verdadeiramente antigo e popular, o que foi obra do trovador ou do menestrel, nasceu onde?

Viajou e peregrinou com a harpa ou com a viola do cantor que o compôs ou que sòmente o aprendeu de cor: espalhou-se por essas terras de diferentes dialectos que mais ou menos tiveram de o traduzir para o conservar na tradição de seus povos. E hoje, há muitos séculos a esta parte, quem póde dizer onde foi composto o romance que nesta ou naquela provincia se encontra?

É daquela onde foi achado.

Já se vê que não aplico esta teoria ao que traz visível e marcado o selo da sua nacionalidade, como são os romances propriamente moiriscos ou granadinos, etc.». (*Garrett*).

Sim, de facto.

Sabe-se, averiguadamente, que grande parte dos nossos romances populares são de origem castelhana, vindos directamente de Espanha, segundo a afirmação de Teófilo Braga, esclarecendo mais *que nos romanceiros espanhóis se encontram muitos romances tirados da história*

portuguesa que, a não serem de origem literária, se extinguíram na tradição oral do nosso povo.

Prioridade, para quem? Comuns?

«Há também uma classe de romances mouriscos, com forma literária; têm o artifício, em vez de espontaneidade anónima. Foram esses os que mais se vulgarizaram e os mais imitados.» (*Teófilo Braga.*)

«O povo adoptou dos romances jogralescos castelhanos aquelas partes fundamentais de acção, desprezando as descrições e narrativas longas, perpetuando sómente os grandes lances dramáticos que se imprimem na memória.» (*Idem.*)

E iríamos longe em citações; porém, de um modo geral, as passagens que ficam acima podem estar certas, mas é preciso estudar, na opinião de Leite de Vasconcelos, cada romance em particular para fazer-se a sua história, não se podendo afirmar: tal país foi o berço dos romances. «Alguns, nacionalizaram-se por tal modo que se lhe não descobre vestígio bem autorizado e certo de outra origem» (*Garrett*).

Convém acentuar que esta banda do Minho, este círculo de Guimarães e os arredores das 72 freguesias, não é nada abundante no conhecimento vulgarizado dos romances. Correm os mais conhecidos: *D. Silvana*, *Conde Alberto*, *Bernal-Francês*, etc., e os mais que apresento, já modificados pelo seguir das gerações.

«A variante é um dos modos, o mais usual na criação poética popular; é a assimilação reduzindo o traço individual à generalidade popular.» (*Teófilo Braga*).

Podem, e isto foi observado por nós, consultar-se de enfiada cem raparigas, quer do campo quer da cidade, raparigas já espigadas, que sempre viveram dentro dos afagos tradicionais e das cantaroladas do trabalho e dos serões caseiros, e, dessas cem, uma só poderá dizer um ou outro retalho dos romances mais vulgares.

É manifesta, portanto, a quebra dos princípios antigos, que se movimentavam num ambiente de religiosa sentimentalidade de costumes e na estabilização purificada dos conhecimentos antigos.

As raparigas de hoje, não se deixam tomar de amores por qualquer bater de matracas ou de ferrinhos.

Mas pergunte-se sobre fados, coplas de revista, malícia amorosa, e logo, à primeira pergunta, nos dará um repertório repolhudo e colorido.

Por aqui, um ou outro romance, já obliterado, já sem nota de continuidade, que ficou na memória dalguma velhota curiosa, e nada mais.

O mal é que as velhotas vão morrendo, ao carrêgo dos anos!...

E as novatas, pelo que se observa, gostam mais de fazer romances e vivê-los em comunhão de desempenho, do que pròpriamente decorar, em encanto de sensibilidade, os romances das gerações passadas.

Nas povoações mais chegadas à raia, é que os romances perduram com mais estabilidade, e com variantes de remodelação curiosa.

Alto Minho, portanto, deve ser centro de mais abundância.

«Em Trás-os-Montes os romances gozam também de uma grande vitalidade. No Minho, como nas outras províncias, assiste-se ao fenómeno triste, mas curioso, da dissolução de antigos romances em narrativas em prosa.»
(*Leite de Vasconcelos*)

Acreditamos nesta afirmação, podendo acrescentar que em alguns romances que ouvimos, muitos narradores entreameavam-nos com explicações em prosa.

Neste canto do Minho, pode afirmar-se, são mais vulgares e até correntes os contos ligeiros, de prosa suave, os únicos que a canalha suporta ouvir, entre a *bandeira* da garnachice, e que com menos dispêndio de atenção decora e mais facilidade reproduz.

Em prosa, a alteração é mais fácil de fazer-se, tanto de palavras como de situações, porque a essência final lá vai, sem transtornos de maior.

O verso, não é para todos, e encasquetar longos romances, de dramatização enredosa, com rima certa, etc., não é positivamente como quem decora o Padre-Nosso.

É o que se observa.

Dos contos ligeiros temos grande colheita, prejudicada para a publicidade, porque embora variados em certas frases, são no todo e no jeito, os mesmos que topamos nas colecções de Consiglieri, Teófilo, Leite de Vasconcelos, etc.

E estas alterações não são como nos romances tão dignas de nota.

Os cegos, foram os que mais espalharam pelo país os romances de várias castas, em cantorias de pedincha esfomeada.

«Actualmente não aparecem novos romances, feitos de novo; os que há, são antigos; mas o povo, ou alguém que para ele escreve, comemora ainda, em composições poéticas, geralmente quadras, os factos notáveis.» (*Leite de Vasconcelos*).

«Os poetas populares não compunham as suas rapsódias senão sobre factos recentes.» (*Garrett*).

Mas para que tanto discorrer?!

Onde iríamos nós neste rasto de caminhar, atrás dos cegos, do povo, dos serões e da cantoria?

Deixemos os cientistas e os investigadores e vamos ao encontro das sereias, das fadas e das moiras ⁽¹⁾.

Ah! sim, as sereias do mar...

E a explicação, envolta nessa alegoria mitológica, vai longe, em fio de sonho, buscar o enrêdo de tanto saber encantado.

As sereias vinham às praias, mulheres de cabeça linda, cabelos de sol caídos na prata das águas, caras formosas e corpo de peixe grande, fadas em condenação de encantamento ou praga, vivendo em palácios de pedrarias ricas, lá no fundo imenso do imenso mistério dos mares, e vinham tentar o povo com os seus cantos de música divina. Seguiam os navegantes e perderam com o seu canto muito homem e muita embarcação.

Em noites serenas, de luar espelhento, altas horas, todo o verso do seu saber brotava, em ensinar rezado à gente, que sabia escuta-las...

É ingenuidade tocante, esta, que se liga em perfeita uniformidade com todo o tecer singelo das práticas supersticiosas do nosso povo.

Garrett, no vol. 2.^o do seu *Romanceiro*, a pág. 131, diz: «Navegantes, tritões, sereias, os habitantes reaes e imaginários do outro elemento, vinham a este, cantar e deitar suas loas, que apropriadamente tomavam neste caso o nome de barcas...».

(1) A tradição das sereias está muito apagada no espírito do povo português.

«A barca (alguma coisa de barcarola veneziana?) era, creio eu, cantiga alternada também, e outra vez a vozes e câro, que o mar mandava à terra para tomar parte em seus regozijos.» (Garrett).

Igualmente, no romance *Conde Nilo*, que Garrett diz ter ouvido na província de Trás-os-Montes, e vem no seu *Romanceiro*, vol. 3.º, pág. 19, lê-se a passagem seguinte, que em parte confirma a fantasia do povo ingénuo:

*Cala-te minha filha, escuta,
ouvirás um bel cantar:
Ou são os anjos no céu
ou a sereia no mar.*

*Não são os anjos no mar
nem a sereia no mar,
é o conde Nilo, meu pai,
que comigo quer casar.*

A que lonjuras vai o pensamento imaginoso do povo!
Que ignorância abençoada, envolvendo de mistério
e lenda o que os tratadistas e doutores não desvendam
com clareza e convicção!...

O CEGO (1)

— Abre-me essa porta,
e cerra o postigo,
deixa ver um lenço
que eu venho ferido.

(1) É uma das xácaras mais vulgares no Minho, segundo opinião de Garrett, que a traz no seu «*Romanceiro*» (3.º vol., pág. 197), dizendo *prestar-se ela à corrupção pela sua forma do que outra qualquer, desafiando o prolífico talento dos nossos trovadores d'aldeia a bordar seus pretensiosos floripêndios sobre a singela talagarça do original.*

Tanto assim que, por variar das formas que conhecemos, a apresentamos. Aparece alterada em partes, esta xácara, e acrescenta noutras, podendo, para confronto, ver-se:

«*Romanceiro Geral*» por Teófilo Braga, pág. 147; «*Romanceiro Português*», por Leite de Vasconcelos, pág. 31; e «*Tradições de S.º Tirsó*», por A. Pires de Lima, pág. 59.

Nas «*Velhas Canções e Romances Populares*» de Pedro Fernandes Tomás, pág. 47, publicação esta de merecido louvor,

- Se tu vens ferido,
podes ir-te embora,
que a minha portinha
não se abre agora.
- Minha mãe acorde,
nem tanto dormir,
venha ouvir um cego
cantar e pedir.
- Se ele canta e pede,
dá-lhe pão e vinho,
diz ao triste cego
que siga o caminho.
- Não quero o seu pão
nem quero o seu vinho,
quero que a menina
me ensine o caminho.
- Vai lá, minha filha,
com a roca e linho,
e vai com o cego
guiar-lhe o caminho.
- Espiei a roca,
acabou-se o linho;
siga o triste cego,
por esse caminho.
- Venha mais menina,
venha mais além,
sou curto da vista
não vejo ninguém.

pela duplicidade investigadora e pelo proveito de estudo que nela se colhe, visto que ao cimo dos romances traz a moldura das músicas, vem também a xícara do Cego.

Colhemos igualmente música diversa, e assim, pelas duas razões manifestas, apresentamos o pobre Cego, corrompido e estropiado pelo andar dos tempos.

Não te vás embora,
vem cá, meu encanto,
tem dó deste cego
que te ama tanto.

— Adeus minha casa,
adeus minha terra,
adeus minha mãe
que tão falsa me era.

Por condes e duques
eu fui pretendida,
e afinal dum cego
me vejo vencida!

PASTORINHA ⁽¹⁾

— Bela pastorinha,
andaís a guardar gado?
— Saiba o meu senhor
que é correr meu fado.
— Lá por altos montes,
correm grandes p'rigos;
bela pastorinha,
queres vir comigo?

(1) Tem muitas variantes, porque todo o reino o sabe e canta, diz Garrett no seu «Romanceiro», onde este romance vem a pág. 205 do vol. III, com o título *Linda-a-Pastora*, mas diferente no argumento final do que vulgarmente é conhecido.

Mais completo e perfeito, como fundamento tradicional, se topa no «Romanceiro Geral», de Teófilo Braga, pág. 133.

Nas «Tradições de S.^{to} Tirso», de A. C. Pires de Lima, a pág. 62 vem também uma versão deste romance. A pág. 46 das mesmas Tradições, 2.^a série, vem outra, mais completa, sob o título *Rosa*.

A que apresentamos é de todas diferente, variada em pontos e modificada pela alteração gradual a que estão sujeitas todas as coisas de tendências ou fundamentos populares.

Vem também sob o mesmo título *Rosa*, e em partes diferente, no «Romanceiro Português» de J. Leite de Vasconcelos, a pág. 41.

Também se encontra, com o título de *Pastorinha mana*, na «Revista Lusitana», vol. XIV, pág. 23.

- Vá-se embora homem,
não me dê tormento,
não o posso ver
nem de pensamento.
- Nunca vi menina
tão impertinente.
Homens não são lobos
que comam a gente.
- Vá-se embora homem,
não me dê pesar,
pode vir meu amo
trazer-me o jantar.
- Se ele vier,
é o que nós queremos,
para que ele saiba
que nós já falemos.
- Não vi homem novo
dar tão bom conselho,
não quer que se perca
o gado alheio.
- O gado alheio
não quero que percas,
quero que me ames
uma hora de sesta.
- Uma hora de sesta
mais para depois;
quero que me digas,
íngrato, quem sois?
- Sou filho dum rei,
criado em palácio;
Bela pastorinha,
dá cá um abraço.

«Ó povo d'aldeia,
acudi à serra,
que foge a pastora
c'o amor p'ra terra.»

«Ó povo d'aldeia,
acudi ao gado,
que foge a pastora
c'o seu namorado.»

- Fujo que é meu gosto,
sorte será minha,
ser uma pastora,
vir a ser rainha.
- Dá-me um beijo Rosa,
com muita atenção,
para que o povo saiba
que sou teu irmão.
- Se és meu irmão,
por favor te peço
para não contares
do nosso processo.
- Do nosso processo
nada contarei,
a aposta que eu fiz,
sempre a ganhei.
- Tu que a ganhaste,
eu que a perdi,
tu que me venceste,
e eu que não venci.

MORENA (1)

- Era ao dar da meia noite,
à porta frei João batia:
- Abre-me a porta Morena,
abre-me a porta alma minha.
 - Como te hei-de abrir a porta,
Ó triste de mim coitada!
Tenho meu filho ao peito,
e meu marido à ilharga?

(1) Diz Garrett no seu «Romanceiro», vol. III, pág. 64, onde vem este romance, ser ele inteiramente português, e absolutamente popular.

Vem ali, porém, em partes, diverso do que apresentamos, constituindo portanto uma versão acentuadamente nova, quer pelas variantes quer pelas alterações introduzidas. Embora no enredo e dramatização apresente a primitiva originalidade, ainda retocado se encontra no «Romanceiro Geral», de Teófilo Braga,

- P'ra quem falavas agora?
— Foi p'ra filha da forneira,
que há pouco veio dizer,
o pão de ló amassasse,
e pouca água lhe deitasse.
Ergue-te d'aí marido,
vai fazer uma caçada,
que não há melhor coelho
do que o da madrugada.

O marido a sair
e ela mui bem s'arraiava,
com volantes na cabeça
que sem vento já voavam.
Chegou à porta do convento;
frei João assim que a viu
deixou de correr, voava,
levou-a p'ra sua cela
deu-lhe queijo e marmelada
e também vinho palhete
do melhor que a ordem dava.

- Onde vens, ó mulher minha,
donde vens tão arraiada?
— Venho de ouvir missa nova,
que assim venho consolada.
— Confessa-te ó Morena,
que tens a vida acabada.

pág. 150, e nas «Velhas Canções Populares», de Pedro Fernandes Tomás, que o intitula *Frei João*, e vem a pag. 50.

É fundamentalmente sabido que as versões variam de localidade para localidade.

«Transmitidas de boca em boca, por tantas gerações, estas coplas foram-se alterando com mutilações e interpolações graduais, mas não constantes nem uniformes.

O rústico menestrel de uma aldeia tinha às vezes pretensão de corrigir e enfeitar a singeleza dos primitivos cantares; outras, a avó velha que os recitava à lareira aos pasmados nêtinhos cortava o que lhe parecia demais ou o que lhe esquecia.» (Garrett.)

- Não se me dá de morrer,
que nem sempre hei-de viver,
dá-se-me dos meus meninos
que outra mãe vão conhecer.
- Ah! que se tu foras mãe,
mãe como devias ser,
não havias de morrer.
da morte que vais sofrer.

ANTONINHO (1)

- Antoninho como criança
com uma pedrinha atirou,
a brincar c'os estudantes
sem querer um pavão matou.
- Antoninho que fizeste?
Que estavas tu a fazer?
Mataste o meu pavão,
da mesma sorte has-de morrer.
Antoninho foi p'ra casa,
muito triste e a chorar.
Logo que seu pai o soube,
logo lhe foi perguntar:
- Antoninho porque choras?
Porque estás tu a chorar?

(1) Não enxergamos, em ideia ou semelhança, este romance, fado, ou conto de caminho, como queiram, em nenhuma colecção das que compulsamos.

Pelo enredo e lição, faz acreditar seja algum discorrer de caso acontecido, explorado pelos cegos, que corriam de feira em feira, de romaria em romaria, a cantar em toada dolente, de música pobreta e chula de violão e rebecca, os crimes *assucedidos* e de ocasião.

Estes cegos ainda aparecem, mas hoje sem influência notoriamente impressiva, visto que cantam diferentemente, mais fados revisteiros do que os dramas pungentes.

Os cegos, dantes, pelo seu erradio caminhar, com a exploração em verso de casos acontecidos, marcaram funda impressão no espírito do nosso povo, pela tristeza e dramatização dos contos que espalhavam, e o povo, por sua vez, os foi decorando a seu modo, formando hoje corrente ignorada, portanto, a mor parte dos romances conhecidos.

- Matei o pavão do mestre
e êle diz me vai matar.
- Não te aflijas, rapaz,
não te ponhas a chorar,
aqui estão dezoito libras
para lh'o pavão pagar.
- Boa tarde, senhor mestre,
boas tardes venho dar:
aqui estão dezoito libras
para lh'o pavão pagar.
- Vá-se embora Vitorino,
para amigos não é nada,
mande o menino p'ra aula
que a morte está perdoada.
- Antoninho vai p'ra aula,
já é tempo de aprender.
- Vou p'ra aula, vou, meu pai,
adeus, não me torna a vêr.
Sairam os estudantes,
só ficou o Antoninho,
ficou na sala dos livros
morto como um passarinho.
Logo que seu pai o soube,
ficou cheio de terror,
pegou num punhal em punho
foi matar o professor.
A cidade de Coimbra
ficou toda com paixão,
duas mortes se fizeram
só por causa dum pavão.

DONZELA (1)

Eu tinha dezoito anos
quando a amar comecei;
pela minha infeliz sorte
pouco tempo me gozei,

(1) Só topo este singelo desfiar de conto caminheiro, talvez ignorado de origem, mas de recorte acentuadamente popular,

porque fui tomar amores
 com uma orfã sem pai,
 que era uma pomba sem fel
 vivendo com sua mãe.
 A sua mãe não queria
 que a filha amores tivesse;
 namorava às escondidas
 para que ela não soubesse.
 Assim andou nove meses
 sem se saber novidade.
 Ao fim desses nove meses,
 Deus lhe deu uma enfermidade,
 enfermidade que era
 chamada a febre amarela;
 dentro de quatorze dias
 toma a morte posse dela.
 Chama a mãe à cabeceira
 e pede com grande dor:

pela ingenuidade e enredo amoroso, nas «Tradições Populares de S.^{to} Tirso», de A. C. Pires de Lima, pág. 61.

Em nota, diz este ilustre e distinto etnógrafo: «Este *fado* (é o nome que lhe dão as minhas informadoras) é muito conhecido em S.^{to} Tirso. Dizem-me que foi ouvido aos cegos. É possível também que — *Donzela* — fosse aprendido num dos muitos *folhetos* que possuem os curiosos, e depois adaptado à linguagem e costumes de S.^{to} Tirso.» Possivelmente assim será, e, se assim for, tanto melhor, porque em qualquer dos casos, firma-se em base e estrutura populares.

No correr dos fados cantados foi andando, andando de corrupção em corrupção, até que nos apareceu diverso do que apresenta Pires de Lima.

O começo é igual, e do meio até final diferente e diverso, mesmo o remate do fado de Pires de Lima é feito com 3 quadras de desgarrada:

*Se passares ó cemitério
no dia do meu enterro*

*Ó morte, ó cruel morte,
a mim me deixas no mundo*

*Ó morte, ó cruel morte,
de ti tenbo mil queixas*

- Quero morrer e não posso
sem me despedir do amor.
Depois a mãe perguntou
onde é que êle morava.
A filha tudo lhe disse,
até como se chamava.
- Se tu amores tiveras
eu nada disso sabia.
Vai o criado à pressa
logo no próprio dia:
- Venha ver a sua amada
que está na última agonia.
Ele, como rapaz novo,
sobressaltado ficou,
pegou no chapéu na mão
e o criado acompanhou.
Chegou a meio da serra,
os sinos ouviu tocar.
«Morreria a minha amada,
sem um abraço lhe dar?»
Chegando ao meio da escada,
viu tudo escurecido,
viu as janelas fechadas,
pensou que tinha morrido.
Logo entrou lá para dentro
e ao seu lado se assentou,
apertou a mão na sua
coração dela no seu.
Virou-se para o outro lado,
fechou os olhos morreu.
- «Meus senhores, querem ver,
dois corações aflitos?
Era o meu e o da mãe,
a chorar em altos gritos.
«Rapaz que tocar o sino,
à primeira badalada,
quero que todos saibam
que morreu a minha amada.»
«Rapazes que ma levarem,
levai-ma com atenção;
quatro rapazes solteiros
a pegar ao seu caixão.»
«Rapazes que ma levarem

levai-ma devagarinho,
ao chegar ao cemitério
cantai um fado baixinho.»
«Ó acipreste do adro,
de ti tenho mil queixas;
quem has-de levar não levas,
quem has-de deixar não deixas.»

ROZINHA (1)

— Se soubesses, ó Rozinha,
qual o meu maior desejo!...
Só desejava saber
se consentes dar-te um beijo.

— Farei o que tu me pedes,
hoje não, amanhã sim,
à sombra do arvoredor
no meio do meu jardim.

Eu te darei um beijinho
e tu um abraço em mim.

— Pelas falas que me dás
já vejo que estou servido;
tantas coisas, ó Rozinha,
eu trago neste sentido!...

— Se és homem de bom porte,
vai p'ra longe da censura,
sou donzela, sou formosa,
séria, não tenho loucura.

(1) Não encontramos este romancinho de via reduzida, que nos parece de muito fresca compostura, em nenhum dos romancieiros que consultámos.

Tem, inegavelmente sabor popular, quando mais não seja, no enredo malicioso e jogralesco, muito do agrado do povo.
É conhecido e vulgar nesta região.

- Ouves tu, ó Josezinho:
toma banhos de água fria,
e se andas desejoso
toma dezoito por dia.
- Ouves tu, minha Rozinha:
banhinhos em água quente;
a água fria faz mal
e constipa toda a gente.

SENHORA ANINHAS (1)

- Fui a casa da senhora Aninhas,
com tenção de lá entrar,
vem-me um maganão de dentro:
- O que vem cá buscar?
- Trago chitas inglesas,
se a senhora as quer comprar;
também trago meu pintinho
para a menina gastar.
Botei-me da janela abaixo,
dei com as costas no chão;
dei um vintem à Fazenda,
vinte e cinco ao escrivão.
Cinco réis que me ficaram
foi a minha perdição;
fui-os mercar de tremoços,
foi a minha matação.

?... (*)

- Duzentos contos que eu tinha,
todo no jôgo os deixastes
e ainda p'ra maior vergonha
chapéu e capa jogastes.

(1) Publicamos este romance, se romance se pode chamar a coisa tão pouca e um pouco confusa, por vir com a nota de versão de Guimarães no «Romanceiro Português» de J. Leite de Vasconcelos, a pág. 32.

Um pouco diferente vem também nas «Tradições de S.^{to} Tirso» 2.^a série, pág. 50, de A. Pires de Lima.

(*) No manuscrito original de Alberto Braga este romance não vem acompanhado do respectivo título, que ele por certo ignorava ou sobre o qual teria dúvidas, mas apenas de um simples ponto de interrogação. (*Nota da Redacção*).

- Mulher, dá-me de jantar.
- Eu não tenho que te dar,
tu vens da casa do jôgo
ainda podes p'ra lá tornar.

- Ó mulher, está calada,
cala, que eu já te não vejo,
que eu tiro o punhal do bôlso
satisfaço o meu desejo.

Os filhos quando o ouviram
foram p'ra porta chorar:
quem acode à nossa mãe
que o pai a quer matar.

O pai, quando os ouviu,
logo por eles chamou;
tirou o punhal do bôlso
mulher e filhos matou.

- Aqui estou minha mãe,
vou-lhe dar uma noticia;
matei a mulher e os filhos
vou-me entregar à justiça.
- Ó meu filho desgraçado,
tu inda mo vens dizer?
Mataste a mulher e os filhos,
estás no inferno a arder.

LAURISBERTA

No jardim da mocidade
está uma rosa aberta,
e que foi o Quim caixeiro
namorou a Laurisberta.

Namorou a Laurisberta
à sombra duma roseira;
ela era tão seriazinha
mas caiu na maroteira.

Laurisberta foi p'ra casa,
muito triste e a chorar;
logo que a mãe o soube
foi-lhe logo perguntar:

- Laurisberta, porque choras?
Porque estás tu a chorar?
- Mande chamar Quim caixeiro
para comigo casar.
- Quim caixeiro, Quim caixeiro,
amor do meu coração:
prometeste-me p'los céus
que me davas tua mão.
- Não te dou a minha mão
nem de ti quero saber,
saí-me da vista dos olhos
não me tornes a empecer.

(*Tem música*) (*)

JOSEZINHO

- Que fazes ó Josezinho
por aqui a passear?
Parece que até te escondes
só para mim não falar.

(*) Alberto Braga lançou no manuscrito original, em várias destas composições do Romanceiro e Modilhos populares, a nota «*Tem música*».

Certamente tencionaria publicar, junto de cada composição, a pauta musical correspondente como ela era cantada. Infelizmente não nos é possível suprir hoje essa falta, ao editarmos este último trabalho do saudoso etnógrafo vimaranense, visto não terem sido encontrados, no seu espólio literário, os elementos necessários para isso. (*Nota da Redacção*)

É hoje a ocasião
das minhas paixões 'spalhar.

— Vai-te embora Carolina,
hoje não 'spalho paixões,
'stá-se-me acabar o tempo
de ouvir as tuas razões.

— Lá no tempo de criança
já tu eras meu amigo,
eu fugia à minha mãe
só p'ra ir brincar contigo.

Não há nada desejado
que não seja aborrecido.

— Lá no tempo de criança
era um brincar sem maldade,
brinquei, agora não brinco,
porque não tenho vontade.
Não tenho contas a dar
'stou na minha liberdade.

— Ó garoto, ó atrevido,
'stás fazendo mangação,
pois juraste aos altos céus
de me dares a tua mão.

Já mudaste de sentido
agora dizes que não.

— Cala-te lá Carolina,
agora vou-te falar,
não contes a tua vida
antes a podes negar.

— Já não me dá que se saiba,
já não sou moça honrada,
desprezas-me por ser pobre
não espero de ser casada.

(Tem música)

LUIZINHA

— Que lhe importa, ó minha tia,
que lhe importa o seu sobrinho?
Se eu ando ameaçado
que me saiam ao caminho.

Era meia noite em ponto,
em seu cavalo marchava;
chegando lá cima à serra
já alguém o esperava.

Ofereceu o seu cavalo
e o oiro que trazia;
que não lhe fizessem mal,
que vinha de ver a tia.

Não queremos teu cavalo
nem nada de tua mão;
queremos tirar-te a vida
arrancar teu coração.

'Steve três dias na serra
sem seu pai nem mãe saber;
sabiam só os dois morgados
que ao pai lhe foram dizer.

Chegou a casa o cavalo
todo êle ensanguentado;
e disse assim logo a tia:
— já lá vai nosso morgado!

Tira, tira, Luizinha,
tira o lenço da cabeça,
já lá vai o morgadinho
não tens a quem sirva à mesa.

(Tem música)

EMÍLIA

A vinte e quatro de Agôsto
grande crime sucedeu:
um filho matou a mãe,
sete facadas lhe deu,
por a mãe o repreender
e tirar da negra vida,
por falar com uma menina
que se chamava Emília.

- Emília, venho aqui,
com tenções de te deixar;
minha mãe me repreendeu
para p'ra ti não falar.
- Torna atrás, ó Antoninho,
pega-me neste punhal
e peço-te por favor
p'ra tua mãe ires matar.
Um anjo do céu ouviu
e à cama dela foi dar:
- Levanta-te ó criatura,
teu filho vai-te matar.
- Levante-se ó minha mãe,
faça a confissão geral,
que aqui tem a sua vida
na ponta deste punhal.
- Ó filho, que vais fazer,
a uma mãe que te criou,
e durante nove meses
tantos trabalhos passou?
- Não me importa o que passou
nem o que tem p'ra passar,
importa-me a sua alma
que hoje hei-de lh'arrumar.
- Adeus ó campo das malvas,
adeus hortas e urtigas:
olha o que uma mãe padece
por causa das raparigas.
Adeus ó campo das malvas,
adeus hortas e flores:
olha o que uma mãe padece
só por causa dos amores.

III — Modilhos

Nas modas ou modilhos mais correntes, de singeleza de versos e de curtos compassos de música, é que está a nota mais fresca, mais pura e característica do canto popular.

Os modilhos ajustam-se pela técnica e pela inspiração à província onde foram acolhidos, quer lá tivessem nascido, na boca dos antigos pastores, quer tivessem vindo, no lento ressoar da brisa, em acordes sumidos de frauta e viola, lá de bandas afastadas, e de romarias e serões já perdidos no esquecimento das origens...

As modas do Minho estão perfeitamente dentro do carácter do minhoto e do rodeio da sua paisagem. Se influências estranhas se notam em alguns acordes de modilhos mais extravagantes, na generalidade a marca alegre, viva e expressiva, denuncia a região. O que nasce dentro de nós, vive sempre para além de nós.

Surgem as cantilenas tristes e amorosas, estrada do trabalho em fora ou caminho da romaria levado em dança, sempre as mesmas no gorgueio do canto e na inspiração do verso.

Estes modilhos têm uma música cheia de ritmos e tonalidades, onde o idílio e o sonho parece que se juntam numa exacta comunhão de motivos rústicos e de expressões de mimo, tão suave e cheia de vozes nas escalas de orfeão, quando as raparigas se juntam em caminho de romaria ou em largo de arraial, ao som da viola chuleira, do cavaquinho e do harmónio, ou de feição atenorada, em duo, pelas danças de roda, do vira, do siracú e da descansada.

Têm música de variado exprimir estes modilhos minhotos, e podem fornecer aos entendidos notações de interesse pela natureza dos motivos de timbres verdadeiramente regionais.

É música de melodia simples, como toda a música popular, mas de agradável efeito, de deleitoso encanto.

Nos modilhos, a música popular mostra bem o que é em virtude da variada diferenciação nas toadilhas, como

acontece, em semelhança, no cantar docemente embaçado dos jogos de roda.

É mais pura, mais sincera, mais íntima, a música nestes motivos populares do que propriamente na dos rimances, onde há, a nosso ver, enxertias de várias províncias e reinos fronteiriços, muita esquisitice e vaidade dos ignorados fazedores da música dos cegos e pedintes.

Na simplicidade das canções está a dupla harmonia de carácter e sentimento do povo, ingénuo e bom como as crianças. A música, para quem a entender, nascida ou afeiçoada à região, foca e retrata o povo que mais a ajusta nas contingências variadas das folgas ou do trabalho, nas canseiras jornadeadas da sua vida, da sua luta, do seu trambolhar por este vale de lágrimas.

As chulas, os viras, caninhas-verdes e vareiras são as danças que obrigam a uma música afeiçoada e própria das regiões, ao gosto e jeito meneirinho do povo de cada uma.

Influências de inspiração e de clima. Os versos e cantos do S. João, Reis, Janeiras, e muitos motivos de igreja, de conagração popular, mostram as mesmas influências de inspiração, do meio, do lugar e da paisagem.

«As músicas verdadeiramente locais, como a *chula* e a *cana-verde*, são alegres, como uma nota viva e cheia de esperanças, que faz esquecer por um instante a imaginação das suas preocupações utilitárias. Há vinte anos os fados tristes e saudosos do sul, eram completamente ignorados aqui: só depois que se facilitaram as comunicações é que os cantores ambulantes introduziram essas toadas melancólicas, que se confundem hoje com as indígenas.» (1).

Tanto assim, que notas variadíssimas, da influência penetrante dos chorosos fados, ficaram agarradas à música de muitos rimances que conhecemos.

Porém, nas canções e modilhos ligeiros, a nota, o cunho, o ritmo, ficaram na pureza criadora e de raízes fundas no local do seu nascimento, sem que a moda as alterasse ou corrompesse.

(1) *Estudos de Economia Rural do Minho*, por Alberto Sampaio.

E há muitos mais exemplos de puro conservantismo na arte do canto.

Se se nota, no lento graduar das canções singelas do Minho, o valor da inspiração do povo, as inteligentes faculdades da sua criação, no ramo artístico e sob variados aspectos e modalidades são superiores.

Nas grandes vessadas, labuta que pelos campos rompe em força de trabalho afadigoso, a cantilena do aboiar tem também uma cadência arrastada de vagaroso caminhar, compasso medido na regra pousôna do andar dos animais.

E o *ei boi, ei lá boi*, cantarolado em afoutamento, em estímulo, em sacudido despertar de continuas e novas energias, toadilha curta e penetrante, descobre-nos uma música que apresenta, *com o mais absoluto rigor, as características inconfundíveis das melodias próprias da flauta de Pan*, segundo criterioso pensar de Gonçalo Sampaio. (1)

Semelhante a esta toadilha de aboiar, há uma melodia pastoril que tem a mesma influência de arranjo, tem talvez a origem velhíssima dos antigos guardadores de gado, que pela Galiza, como na Grécia e seu tempo entretinham no desferir sonoro de cantares maviosos, de embalar, como os cantos encantados das sereias do mar.

Há sobretudo uma aliança palpável, bem definida, com a mesma característica entre o aboiar e uma certa cantilena dos nossos pastores miúdos e esgrouviados mas vivos de esperteza, empurrados para a vida naquela tenra idade em que os gorjeios das aves e o cantar dos grilos, as amoras e as cerejas, fazem perder o tino ao serviço.

A cantilena quadra-lhes a matar.

É, ou parece ser, filha da sua tristeza, do seu isolamento, quando desde manhã cedo até o pôr do sol, de verão ou inverno, se entregam à tarefa de pasmado cismar, em guarda, sempre vigilante do gado que lhe confiaram, e mais uma sacola de pão com ressequido conduto para esmoer.

E então, na distância alcantilada dos montes, um de cá, outro de além, os pastores arriscam a cantilena no

(1) *Gente Minbota*, n.º 1 de 1926.

acordar dos companheiros, para que se juntem naquelas asperezas de vida sem companhia, e depois, em distração unida, um jogo de botão ou patela ajude a matar o tempo.

E vá então de desferir um persistente convite, em desafio folgado, em cantilena bem triste, bem sentida, bem dolorosa e suspirada, de tremidos e sostenidos cadenciados...

*Ou, ou, Camaradinha, ou..., anda
p'r'aqui Camaradinha ou... à ou, à ou...*

Ao que o outro, na mesma cadência, responde, por vezes:

*Camaradinha ou..., anda p'r'aqui
que eu para aí não vou,
ou, lá ou... lá ou...*

E pelas quebras dos montes este soar de cantinela faz eco e desperta os ninhos, e faz com que as almas se encham de certo mistério e de certa bondade...

E quando o sol se esconde, e o pastor sobe ao pinúsculo mais alto do monte ou a penedo miradoiro donde divise o gado espalhado na pastagem, para de aí lhe dar as suas ordens de retirada, é curiosíssimo que o pastor, em derivante da cantinela já apontada, em notas mais simples mas de ritmo mais cantarolado, principia a falar assim, por música de curtos e unísonos compassos, aos bois:

Balhou, balhou, balhou, balhou...

E o gado, percebendo as ordens, ouvindo em cadência sempre repetida aquele *balhou, balhou*, levanta-se do pasto e lá vai a caminho de casa, sempre debaixo daquela toadilha embaladora

Balhou, balhou,...

E assim também o pastor caminha entretido, espalhando o aborrecimento, como os medrosos espalham o medo levando a jornada em pegado assobiar.

Afinal, em tudo, na natureza e na criação — poesia e música, gorjeio e canto, beijos e amor, abraços e saudades...

I

Fui ao mar buscar laranjas,
coisas que lá não havia,
mas fiquei admirado
das ondas que o mar fazia.

Das ondas que o mar fazia
eu fiquei admirado,
ó Olinda, ó Olindinha
eu venho todo molhado.

Eu venho todo molhado
daquele poço sem fundo,
ó Olinda, ó Olindinha
vou dizer adeus ao mundo.

Vou dizer adeus ao mundo,
vou dizer adeus à terra,
ó Olinda, ó Olindinha
o teu amor vai p'ra guerra.

O teu amor vai p'ra guerra
o teu amor vai p'ra França,
ó Olinda, ó Olindinha
não me sairás d'alembrança.

Nem da minha alembrança,
nem da minha pena,
ó minha Olindinha,
meu amor, minha pequena.

II

Comboio arrasta, arrasta,
comboio arrastador;
foste tu quem arrastaste
para França o meu amor.

Para a França o meu amor,
para a ilha da Madeira,
comboio arrasta, arrasta;
o amor p'ra minha beira.

O amor p'ra minha beira,
p'ra beira da sua amada;
o erro é do maquinista
que trás a linha trocada.

III

Os olhos de meu amor
são de pouca dura,
são como a laranja
depois de madura.

São como a laranja,
são como o limão,
são como a cereja
quando cai ao chão.

Ó que lindos olhos
tem o meu amor,
são mal empregados
de andar ao calor.

Ó que lindos olhos
tem a padeirinha,
são mal empregados
de andar à farinha.

IV

O rapazito é novo,
é novo mas já namora;
deixa o pai e deixa a mãe
e ao domingo vai-se embora.

Ao domingo vai-se embora,
à segunda torna a vir;
o rapazito é novo,
gosta de se divertir.

Gosta de se divertir,
é amigo da brincadeira,
anda cá ó rosa branca
criada na japoneira.

Criada na japoneira
criada no meu jardim,
anda cá ó rosa branca
que já nasceste p'ra mim.

(Tem música)

V

Eu venho d'ali, d'ali,
eu venho d'ali, d'além;
debaixo da laranjeira
muita laranja lá tem.

Muita laranja lá tem
muito folhinha amarela,
debaixo da laranjeira
eu amei uma donzela.

Eu amei uma donzela,
eu amei o meu amor;
debaixo da laranjeira
não chove, nem faz calor.

(Tem música)

VI

Donde vens, ó Mariana,
donde vens, Marianinha;
eu venho do rio Douro,
venho muito lavadinha.

Venho muito lavadinha,
venho cheia de calores;
eu venho do rio Douro
de falar aos meus amores.

De falar aos meus amores,
de quem tenho confiança;
aceita meu bem aceita
Esta pequena lembrança.

(Tem música)

VII

Eu sempre gostei e gosto,
dum rapaz ajeitadinho,
de cabelo ondeado
e chapéu reviradinho.

De chapéu reviradinho,
meu amor foi sempre assim;
eu ao pé do meu amor,
meu amor ao pé de mim.

Meu amor ao pé de mim,
isso era o que êle queria...
Meu amor era o mais lindo
que andava na romaria.

VIII

Se fores ao Alentejo
trazei-me uma alentejana,
pequenina, ajeitadinha,
que saiba fazer a cama.

Que saiba fazer a cama,
arranjadeira da vida;
se fores ao Alentejo
trazei-me uma rapariga.

(côro)

Russinha do pelo,
ora anda comigo
malhar o centelo;
centelo é cevada,
ora vem comigo
minha namorada.

(Tem música)

IX

O carro americano
anda numa roda só;
tem pena, meu amor, tem pena,
tem pena, meu amor, tem dó.

O carro americano
vai à rua sem ninguém;
tem pena meu amor, tem pena,
tem pena meu amor, tem, tem!

(Tem música)

X

Eu agora tenho pena,
eu agora tenho dor,
eu agora tenho pena
de deixar o meu amor.

Eu agora tenho pena,
eu agora tenho dó,
eu agora tenho pena
de deixar o amor só.

Eu agora tenho pena,
eu agora vou chorar,
eu agora tenho pena
do meu amor me deixar.

(Tem música)

XI

Se fores ao rio
lava no penedo,
junta a tua roupa,
ri-có-có, p'r'o barrelo (*barrela*)

Ai sim, pois sim,
há mais quem queira,
ri-có-có, minha brejeira.

Eu não sou brejeira
nem o quero ser,
ainda tenho renda,
ri-có-có, p'ra me manter.

Se fores ao rio
lava na pedrinha,
junta a tua roupa,
ri-có-có, p'r'o pé da minha.

Ai sim, pois sim,
há mais quem queira,
ri-có-có, minha brejeira.

(*Tem música*)

XII

Ó ribeira, ó ribeira,
ó que ribeira tamanha;
estou afeita na ribeira,
não me afaço na montanha.

Não me afaço na montanha
entre a urze e a carqueja;
dei a mão ao meu amor
lá no arco da igreja.

Lá no arco da igreja
dei a mão à liberdade;
'stava vária do juízo
quando te fiz a vontade.

(*Tem música*)

XIII

Tirana, olá Tirana,
eu vou, eu vou
dar vida a quem me deu vida,
matar a quem me matou.

Tirana, olá Tirana,
Tirana do ramalhinho,
os folhos do teu vental, (*avental*)
Tirana, são de paninho.

Uma Tirana me disse,
outra me mandou dizer,
que não andasse de noite
que me haviam de bater.

(*Tem música*)

XIV ⁽¹⁾

- Querida Maria
vou partir p'ra guerra.
- Querido Alberto
deixa-me ir contigo.
- Prepara as malas
e anda comigo;
diz ao teu pai
que vais p'ra cruz vermelha.

(1) Terá seguimento? É provável. Mesmo nós conhecemos, sem as podermos reproduzir de verdade, algumas perlengas semelhantes. Porém, estes versos, assim no todo desordenados e parceladamente coxos e sem ajuste de rima, dão a segurança de moda popular.

Se aproveitámos este libreto singelo, de versos manquejantes, foi unicamente porque a sua música entra em acompanhamento equilibrada, naquele arrastar de toadilha popular, minguada de continuidade e transições.

Se nos combates
me achar ferido,
vais para meu lado
p'ra minha enfermeira.

XV

- Adelaide, Adelaidinha,
tua mãe está a chamar.
— Eu bem sei o que ela quer;
não me quer deixar brincar.

- Não me quer deixar brincar
e ela também já brincou;
— Adelaide, Adelaidinha.
— Senhora mãe já lá vou.

Já lá vai Adelaidinha,
Já lá vai p'ra sepultura;
a quem deixaria ela,
o cestinho da costura?

O cestinho da costura,
deixou-o à sua mana,
p'ra lhe rezar pela alma
sete vezes por semana.

Já lá vai a Adelaidinha,
já lá vai p'ra nunca mais;
a quem deixaria ela
o cestinho dos dedais?

(Tem a mesma música do
«*Eu sempre gostei e gosto*», Modilho VII)